



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

DANILLO ROBERTO TEODOZIO COSTA PINTO

**ROTAS DE APARECIMENTO DA COMUNIDADE LGBT EM PODCASTS NO
SPOTIFY**

Maceió-AL
2022

DANILLO ROBERTO TEODOZIO COSTA PINTO

**ROTAS DE APARECIMENTO DA COMUNIDADE LGBT EM PODCASTS NO
SPOTIFY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Nádia Elisa Meinerz

Maceió-AL
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P659r Pinto, Danilo Roberto Teodozio Costa.
Rotas de aparecimento da comunidade LGBT em podcasts no Spotify / Danilo
Roberto Teodozio Costa Pinto. - 2022.
92 f. : il. color.

Orientadora: Nádia Elisa Meinerz.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de
Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 89-92.

1. identidade de gênero. 2. Ambientes digitais. 3. Podcasts. 4. LGBTQIAPN+. I.
Título.

CDU: 613.885

[...] tudo o que é posto em movimento depende da natureza dos vínculos e da capacidade que eles podem ter de produzir sujeitos que são a eles ligados”
(LATOUR, 2000).

AGRADECIMENTOS

Tenho tanto pra falar...

Ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social foi, sem dúvida, o melhor presente que decidi me dar e vivenciar nos últimos anos. Sem minha rede de apoio, porém, sei que nada disso seria possível. Foram anos muito intensos, de verdadeiros aprendizados, com escolhas, incertezas, descobertas, coragem, êxtase e, também, revoltas. Foi tudo na pandemia e num contexto político de verdadeiras promoções de desigualdades sociais no Brasil. Ser pesquisador gay no Brasil e estudando gênero e sexualidade, tem sido, porém, transformador e concluo o mestrado com novas amizades e novos aprendizados que levarei comigo junto a uma outra Psicologia como prática profissional.

Primeiramente, quero agradecer à minha família, que vem me apoiando constantemente e me incentivando na busca de viver os meus sonhos. Marcelo, meu irmão, Emília, minha irmã, Gilda, minha mãe, e Flávio, meu pai, que veio a falecer no início deste ano. À tia Jane, Tia Gorete e Mãe Zezé, minhas tias e avó. À Jucinério, marido de meu irmão, e Ana, esposa de minha irmã, pelas inúmeras trocas e fortalecimento das nossas existências como famílias LGBTQIAPN+. Agradeço também a Luiz pelo apoio e companheirismo durante esses anos. Às minhas amizades, alianças que me fortalecem e fortalecem comigo, que me ouviram inúmeras vezes enquanto eu lia meu projeto, enquanto elaborava minhas reflexões e falava sobre o que estava estudando e como tudo aquilo que movimentava: Mari, Carlinhos, Nicolas, Alê, Richard, Galega, Rapha e Arthur.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Alagoas, Universidade que me formou como Psicólogo e que agora me forma como Mestre em Antropologia Social, pelas inúmeras trocas e aprendizados, que iniciaram em 2019, quando ingressei ainda como aluno especial, e que seguiram com o meu ingresso como aluno regular. Agradeço, de forma geral, à Rafael, na Coordenação do Programa, e também à Grazi, que sempre se empenhou muito em seu ofício e estabeleceu conexões muito empáticas com todos os desdobramentos administrativos referentes a minha inserção e permanência no curso. À Nádia, não apenas pela sua dedicação em me orientar durante esses dois anos do mestrado, mas por acreditar em mim, investir nas minhas ideias de

pesquisa e me incentivar, o que resultou nos vínculos de amizade e empatia que conseguimos desenvolver ao longo dos nossos encontros. Às professoras e professores do PPGAS, que nos inúmeros encontros que tivemos, fossem nas aulas ou nas reuniões referentes ao colegiado, contribuíram muito na minha formação. À Bia, Anyelle, Larissa, Lannay, Tayná, Thayan, Cláudia, Edneide e Vanessa, pelas trocas e amizades que se iniciaram ao longo desse percurso.

À CAPES, por ter financiado metade desta pesquisa, mas que está há mais de 09 anos precisando reajustar o valor da bolsa das pessoas que desenvolvem pesquisas científicas no Brasil.

RESUMO: Buscando compreender como os agenciamentos acerca da comunidade LGBTQIAPN+ tem promovido rotas políticas de aparecimento dessa comunidade em podcasts no Spotify, realizei uma etnografia digital por perambulação na plataforma do Spotify. Percorri duas redes de podcasts mapeados, a rede “LGBTQIAP+”, com 76 podcasts e a rede “LGBT”, com 190. Através da criação de um perfil de pesquisador na plataforma, cataloguei os podcasts pela identificação do ano de lançamento, resultando em 6 playlists: 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021. Esta ação reverberou nas experiências de análise, chamando a atenção para dilemas metodológicos sobre as condições de feitura dos podcasts, bem como o sumiço de podcasts catalogados. O aprofundamento das análises seguiu com o enquadramento dos podcasts em 4 rotas de aparecimento: *Coletivos e organizações sociais*; *Religiões, religiosidades e espiritualidade*; *Podcasts escolares e acadêmicos*; e *Cultura pop, vivências e cotidianos LGBT*. De maneira geral, as rotas apresentam características e intenções de ocupação bem heterogêneas, tanto em relação às propostas, quanto em relação aos atores envolvidos. Em ações potentes envolvendo a arte, a literatura, a música, videoclipes, produção de podcasts, séries, filmes e outros produtos culturais com temáticas LGBTQIAPN+ tem sido possível subverter os espaços de silenciamentos e abrir caminhos para que outras histórias possam aparecer politicamente, privilegiando a diversidade de contextos regionais e de expressões: são histórias de bichas, de bissexuais, de lésbicas, de trans, pessoas que se identificam como queer, assexuadas ou pansexuais.

Palavras-chave: Gênero. Ambientes Digitais. Podcasts. LGBT.

ABSTRACT: Looking for to understand how the assemblages about the LGBTQIAPN+ community have promoted political routes for this community to appear on digital sound platforms, I carried out a digital ethnography by wandering on the Spotify platform. I went through two networks of mapped podcasts, the “LGBTQIAP+” network, with 76 podcasts, and the “LGBT” network, with 190. Through the creation a researcher profile on the platform, I cataloged the podcasts by identifying the year of release, resulting in 6 playlists: 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 and 2021. This action reverberated in the analysis experiences, drawing attention to methodological dilemmas about the conditions for making podcasts, as well as the disappearance of cataloged podcasts. The analysis deepening followed with the framing of the podcasts in 4 ways of appearance: Collectives and social organizations; Religions, religiosities and spirituality; scholars and academic podcasts; and Pop culture, LGBT experiences and daily life. In general, the ways present very heterogeneous characteristics and occupation intentions, both in relation to the proposals and in relation to the actors involved. In powerful actions involving art, literature, music, music videos, production of podcasts, series, movies and other cultural products with LGBTQIAPN+ themes, it has been possible to subvert spaces of silencing and open paths for other stories to appear politically privileging the diversity of regional contexts and expressions: are stories of fagot, of bisexuals, lesbians, transgenders, people who identify as queer, asexual or pansexual.

Key words: Gender. Digital Environments. Podcasts. LGBT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Captura de tela de postagem compartilhada no instagram @_dobras em julho de 2019.....	20
Figura 02. Artistas LGBTQIAPN+ do Brasil e pesquisadores e pesquisadoras que debatem questões envolvendo etnia, gênero e sexualidade, e que foram utilizadas nas experiências em sala de aula.....	41
Figura 03. Poema criado e compartilhado pela discente Andresa Monteiro Moreira para a aula do dia 8 de março de 2021.....	42
Figura 04. Captura da tela inicial do site www.spotify.com.br.....	44
Figura 05. Captura de tela de resultados de podcasts encontrados no Spotify a partir do descritor LGBTQIAP+.....	45
Figura 06. Três dos 76 podcasts catalogados, com ano de lançamento e suas respectivas propostas.....	48
Figura 07. Captura de tela de anúncio para se tornar membro premium no Spotify..	49
Figura 08. Captura de tela do perfil Rede Podcasts LGBT no Spotify, apresentando a foto de perfil, nome do perfil, quantidade de playlists públicas criadas, número de seguidores e miniaturas imagéticas identificando as playlists.....	52
Figura 09. Imagem da personagem Poison no game Final Fight.....	54
Figura 10. Busca pelo nome da personagem Poison do jogo final fight e as questões mais recorrentes relacionadas à busca.....	55
Figura 11. Ellie e Dina contracenam casal lésbico em The Last Of Us 2.....	56
Figura 12. Algumas pautas abordadas no podcast Reversa Cast vida LGBT & diversidade.....	58
Figura 13. Montagem com fotos de Maira Reis e algumas de suas interlocutoras, feita com as fotos personalizadas dos perfis dos episódios compartilhados no Reversa Cast vida LGBT & diversidade.....	59
Figura 14. Os podcasts Zone Cast, Batendo cabelo com Rod e Saullete, Festival Mix Brasil e Drive in, catalogados na playlist de 2018, com identificação das datas dos últimos episódios compartilhados por cada um.....	62
Figura 15. Episódios compartilhados pelos coletivos Somos Sementes e Filosofia de	

Biqueira, com temáticas sobre gordofobia e a reprodução de corpos gordos na mídia, e feminismo antiproibicionista.....	67
Figura 16. Montagem feita com capturas de tela da descrição do perfil do Coletivo Girassóis, do episódio do dia 26 de outubro de 2022 e da descrição do episódio....	68
Figura 17. Identificação das áreas disciplinares de alguns podcasts concentrados na rota de podcasts escolares e acadêmicos.....	71
Figura 18. Identificação do podcast Contra o estigma LGBTQ+. Os episódios foram produzidos por meio de entrevistas com pessoas homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais, para explicar o que seria cada letra e compartilhar informações sobre as experiências de autodescoberta e discriminação das pessoas entrevistadas.....	74
Figura 19. Montagem com capas de podcasts encontrados na rota Cultura Pop, Vivências e cotidianos LGBTQ.....	81
Figura 20. Captura de tela do podcast Porra, Arthur, um diário pessoal sonoro lançado em setembro de 2019 e com conteúdos de seu cotidiano compartilhados até abril de 2021.....	82
Figura 21. Captura de tela do perfil do podcast Bisão Voador, com título e imagem personalizada do canal.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Recorte da catalogação de podcasts produzidos em variação brasileira da língua portuguesa e catalogados a partir do descritor LGBTQIAP+ em 01 de junho de 2021.....	46
Tabela 2. Linha do tempo da quantificação de podcasts encontrados na variação brasileira da língua portuguesa, por ano e catalogados a partir do descritor LGBTQIAP+ em 01 de junho de 2021.....	46
Tabela 3. Linha do tempo e quantificação de podcasts LGBT encontrados no Spotify, com variação linguística brasileira da língua portuguesa.....	50
Tabela 4. Títulos dos podcasts escolares e acadêmicos encontrados na rede LGBT.....	72

SUMÁRIO

1. TECNOLOGIAS, AGENCIAMENTOS E ROTAS DE APARECIMENTO DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+.....	12
2. ROTAS DE APARECIMENTO LGBTQIAPN+.....	14
2.1. Bicha, pesquisadora e nordestina.....	18
2.2. Reagregando o mundo com o digital: diálogos antropológicos, vínculos e aparecimento da comunidade LGBTQIAPN+.....	27
2.3. Observando potencialidades em sala de aula.....	38
3. RASTREANDO REDES E PODCASTS: AS REDES “LGBTQIAP+” E “LGBT”.....	43
3.1. Gaymer cast: recontando histórias, racionalidades e novos modos de ação.....	52
3.2. Diversidade em empresas: o podcast Reversa Cast vida LGBT & diversidade.....	57
3.3. Dilemas de pesquisa no Spotify: sumiços, descontinuidades no compartilhamento de podcasts LGBT e condições de feitura.....	59
4. ROTAS DE APARECIMENTO NO SPOTIFY: PERFORMATIVIDADES E CIBERATIVISMOS NA REDE LGBT.....	64
4.1. <i>As rotas coletivos e organizações sociais e religiões, religiosidades e espiritualidade.....</i>	<i>65</i>
4.2. Rotas de aparecimento em podcasts escolares e acadêmicos.....	70
4.3. Rotas de aparecimento em podcasts sobre <i>cultura pop, vivências e cotidianos LGBT.....</i>	<i>79</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	89

1. TECNOLOGIAS, AGENCIAMENTOS E ROTAS DE APARECIMENTO DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+¹

Estamos vivenciando uma expansão das tecnologias digitais sonoras em diversas áreas da vida humana, em que plataformas digitais sonoras que disponibilizam serviços de músicas e podcasts para as pessoas permitem que a vida no ecossistema global seja criada, contada, recontada e escutada. Neste cenário, pessoas de distintas partes do ecossistema global unem-se a uma miríade de dispositivos tecnológicos, alargando as rotas de aparecimento de práticas culturais, modos de vida e experiências envolvendo marcadores sociais como gênero e sexualidade.

Tomando as plataformas digitais como espaços políticos de expressão de si, que possibilitam que corporalidades e suas performatividades possam contar suas histórias, compartilhá-las na internet e torná-las públicas, é possível analisar como a apresentação do corpo, da subjetividade e da experiência LGBTQIAPN+ têm sido categorias acionadas nos alargamento de rotas de aparecimento e representação de grupos dissidentes. É através de acoplamentos sonoros em plataformas digitais, que as narrativas de pessoas dissidentes do Brasil também têm alcançado novas e mais amplas audiências, apresentando músicas, poesias, contos, podcasts e videoclipes. A produção e compartilhamento de músicas e videoclipes em plataformas digitais audiovisuais e sonoras, tem possibilitado que artistas de distintas regiões do Brasil como Bixarte, Bia Ferreira, Danny Bond, Isis Broken, Jup do Bairro, Kaê Guajajara e Linn da Quebrada, por exemplo, acionem rotas de aparecimento político envolvendo questões relativas à etnia, à classe social, ao gênero e à sexualidade no Brasil.

No cenário das plataformas digitais sonoras, empresas estrangeiras, agora popularmente conhecidas como Deezer, Soundcloud, Spotify e Youtube, têm expandido em suas plataformas, serviços e conteúdos produzidos por uma rede heterogênea de atores que se aglutinam para produzir e escutar conteúdos personalizados, seja em formatos de músicas, videoclipes e/ou podcasts. Diante dos

¹ Utilizo a sigla LGBTQIAPN+ em alguns momentos do texto me referindo ao seu posicionamento mais atualizado na luta pela pluralidade das vivências e sua importância para a representatividade. Outras variações do termo também aparecerão no decorrer da dissertação com seus respectivos significados.

repertórios dessas plataformas, o Spotify é um ambiente digital voltado para músicas, podcasts (e mais recentemente vídeos) lançado em 2008 e tem popularizado-se no Brasil desde 2014, quando começou a disponibilizar seus serviços no país. No Spotify são publicados, diariamente, diversos podcasts que alargam o aparecimento das expressões dissidentes no Brasil e no mundo. Na medida em que movimentações culturais em torno de questões LGBTQIAPN+ são agenciadas nos e com os sons, em rotas que aglutinam pessoas interessadas em alargar as formas de aparecimento de experiências envolvendo gênero e sexualidade, os sons também se tornam lugares profícuos para que pesquisadores desenvolvam suas pesquisas. Esta é uma etnografia em ambiente digital, que se propôs a investigar como os agenciamentos acerca da comunidade LGBTQIAPN+ tem promovido rotas políticas de aparecimento dessa comunidade no Spotify.

O capítulo que segue, inicia apresentando o digital como lugar de experiência e pesquisa na pesquisa antropológica. Apresento como se deu a construção do meu desejo de pesquisa, aliando minha experiência como bicha, ativista, psicólogo e pesquisador do Nordeste a um posicionamento ético-político-epistemológico. Apresento ainda a proposta metodológica adotada, a perambulação, pensada considerando o tipo de presença em campo e as estratégias desenvolvidas pelo pesquisador. Ao percorrer fluxos de *hashtags*, imagens e rastros nas redes, é cruzada com a observação on-line, como estratégia metodológica que potencializa a lógica de sensibilidade e narrativa etnográfica. Em meus percursos em campo fiz uso de diários de campo digitais e físicos, nos quais registrei minhas impressões, observações e afetações sobre as perambulações que desenvolvi no Spotify. Nestes percursos, construí tabelas e registrei *printscreens* para catalogar e congelar determinados fluxos de informações sobre as perambulações na plataforma. O capítulo se encerra com a apresentação de um relato de experiência de estágio docente, ocorrido na disciplina de Corpo, Saúde e Sexualidade, em que foi possível articular produções de artistas e ativistas LGBTQIAPN+ do Brasil à produções acadêmicas do Brasil e de outros países na potencialização de debates crítico-reflexivos envolvendo marcadores sociais como gênero, etnia e sexualidade.

No capítulo 3, elenco meus primeiros percursos em campo. Este capítulo é caracterizado pelo desenvolvimento das perambulações na plataforma do Spotify,

buscando investigar podcasts “LGBTQIAP+²” e podcasts “LGBT³” produzidos na variação brasileira da língua portuguesa. Com a intenção de disponibilizar o banco de dados de minha pesquisa na internet, decidi utilizar os recursos de interação disponíveis no ambiente do Spotify, criando o perfil Rede Podcasts LGBT⁴, um perfil de pesquisador que me serviu como diário de campo digital, por meio do qual acessei a rede de podcasts catalogados com o descritor de busca LGBT. A catalogação resultou em 991 podcasts, dos quais cataloguei 190 produzidos por pessoas do Brasil e na variação brasileira da língua portuguesa, os distribuindo em seis playlists identificadas pelo ano de lançamento dos podcasts: 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021. Entre idas e vindas na pesquisa, escutando e observando os fluxos dos podcasts, o sumiço de alguns podcasts catalogados nas playlists incidiu em meus movimentos de pesquisa e reflexões elencadas. Neste momento, apresento dois podcasts pioneiros no aparecimento de questões envolvendo a comunidade LGBT, sendo eles o Gaymer Cast e o Reversa Cast. O capítulo encerra-se com a apresentação de 4 rotas de aparecimento, nas quais é possível relacionar e localizar os podcasts: *Coletivos e organizações sociais; Religiões, religiosidades e espiritualidade; Podcasts escolares e acadêmicos; e Cultura pop, vivências e cotidianos LGBT*.

O Capítulo 4 cuida de explorar as quatro rotas de aparecimento da comunidade LGBT, apresentando formas como se apresentam na rota LGBT e atentando-se para as formas como acionam categorias distintas, como violência e representatividade, para falar sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Por fim, ao traçar reflexões sobre o alargamento das rotas de aparecimento político da comunidade LGBTQIAPN+ em podcasts no Spotify, se espera que outras pesquisas sejam realizadas, principalmente com pessoas dissidentes que produzem os conteúdos e os compartilham na internet.

2. ROTAS DE APARECIMENTO LGBTQIAPN+

² O termo “LGBTQIAP+” foi utilizado como descritor de busca durante o início da pesquisa, logo, quando aparecer no texto, estará se referindo ao descritor de busca e seus desdobramentos.

³ O termo “LGBT+” foi utilizado como descritor de busca durante o início da pesquisa, logo, quando aparecer no texto, estará se referindo ao descritor de busca e seus desdobramentos.

⁴ Rede Podcasts LGBT. Disponível em: <<https://11nk.dev/SemGe>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

Gênero e sexualidade têm sido marcadores sociais cada vez mais acionados nos debates envolvendo corpo, experiência e subjetividade. Esses marcadores têm sido utilizados, sobretudo, como ferramentas analíticas e políticas de coletivos e movimentos sociais para afirmarem-se como sujeitos políticos de direito. Judith Butler, filósofa estadunidense, tem feito grandes contribuições ao pensamento crítico feminista e queer, em relação às discussões que envolvem corpo, gênero e experiência. Para Butler (2018), quando corpos reúnem-se em espaços públicos e coletivos, eles estão exercendo o poder de reivindicar, ao público, seus direitos, expressar suas indignações e representar a pluralidade de suas existências, bem como exercitam o direito de aparecer, de exercer a liberdade e de reivindicar uma vida que pode ser vivida. Sabemos, no entanto, que o direito ao que é público tem sido distribuído historicamente de formas assimétricas no Brasil, induzindo de maneira compulsória a precarização de determinadas corporalidades e demarcando os respectivos lugares sociais que estas corporalidades podem ocupar e serem vistas. Para Butler (2018; p. 57):

O que algumas vezes chamamos de um “direito” de aparecer é tacitamente apoiado por esquemas regulatórios que qualificam apenas certos sujeitos como elegíveis para o exercício desse direito. Então não importa quão “universal” o direito de aparecer reivindique ser, o seu universalismo é minado por formas diferenciais de poder que qualificam quem pode e quem não pode aparecer. Para aqueles considerados inelegíveis, a luta para formar alianças é fundamental, e envolve uma proposição plural e performativa de elegibilidade onde ela não existia antes. Esse tipo de performatividade plural não busca simplesmente estabelecer o lugar daqueles previamente descontados e ativamente precários em uma esfera de aparecimento existente. Em vez disso, ela busca produzir uma fenda na esfera de aparecimento, expondo a contradição por meio da qual a sua reivindicação de universalidade é proposta e anulada. Não pode existir entrada na esfera de aparecimento sem uma crítica das formas diferenciais de poder por meio das quais essa esfera se constitui, e sem uma aliança crítica formada entre os desconsiderados e os inelegíveis - os precários - a fim de estabelecer novas formas de aparecimento que busquem superar essa forma diferencial de poder.

Butler (2018) diz que os gestos corporais constituem e performam atos políticos, e, uma vez que se aglutinam em determinados espaços públicos, também exercem o poder de reivindicá-los. Induzir um corpo à condição de precariedade tem sido uma prática agenciada de forma coletiva e pelo Estado, contra pessoas

pertencentes a grupos como a comunidade LGBTQIAPN+, a comunidade negra e a comunidade de pessoas com deficiência, por exemplo, que se tornam vidas matáveis e não passíveis de luto, condicionadas a viver sob os efeitos de regulações necropolíticas coloniais. Quando estas corporalidades, então, se aglutinam para afirmarem-se como sujeitos políticos de direito, se fazendo existentes e também reivindicando suas condições, estão exercendo um ato político de existir. A precarização de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ é produzida, neste cenário, a partir de agenciamentos culturais envolvendo a regulação do binarismo masculino/feminino, bem como a condição da cisheterossexualidade como norma coletiva.

[...] Se aceitarmos que existem normas sexuais e de gênero que condicionam quem vai ser reconhecível e 'legível' e quem não vai, podemos começar a ver como os 'ilegíveis' podem se constituir como um grupo, desenvolvendo formas de se tornar legíveis uns para os outros, como eles são expostos a diferentes formas de viver a violência de gênero e como essa exposição comum pode ser tornar a base para a resistência. (BUTLER, 2018, p. 45)

Os movimentos LGBTQIAPN+ vêm atuando há mais de 40 anos no Brasil em prol da reivindicação de direitos e justiça social, bem como denunciando violências éticas agenciadas nas relações entre pessoas, coletivos e Estado (FACCHINI; CARMO; LIMA, 2020). Tanto a participação social desses movimentos como a consolidação de alianças em diversas instâncias societais e políticas têm acionado modos de ação que incidem sobre a formulação de políticas públicas e a configuração de contextos menos excludentes, resultando em movimentos como a despatologização da homossexualidade e da transexualidade, a união estável entre pessoas LGBT, o direito a adoção de crianças e adolescentes por casais LGBT, entre outras questões. Sobre esses movimentos, Butler (2018; p.31) pontua que:

Podemos encarar essas manifestações de massa como uma rejeição coletiva da precariedade induzida social e economicamente. Mais do que isso, entretanto, o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleias, praças ou em outros locais públicos é o exercício - que se pode chamar de performativo - do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas visíveis.

A construção de rotas políticas de aparecimento da comunidade LGBTQIAPN+ conta também com as tecnologias digitais, que possibilitam que as corporalidades e suas performatividades possam ser conhecidas por mais pessoas, bem como suas demandas sejam visibilizadas, tornando-as assuntos públicos à medida em que são expostas. Os campos digitais tornam-se, então, territórios políticos e de disputas envolvendo gênero e sexualidade (MÔNACO e KLIDZIO, 2021), em que a exposição, transformada em sons, imagens e discursos nas mídias digitais, possibilita entender os espaços e o tempo dos eventos, ao ponto de potencializar mudanças nas práticas culturais. Como ressalta Butler (2018; p. 17), ao falar sobre a reunião de corporalidades:

[estas] estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária.

O campo da antropologia digital já vem chamando a atenção para a produção de conhecimento a partir dos espaços de socialidade e da produção de si, mediados pelas tecnologias e incorporados cotidianamente (HINE, 2020). As pesquisadoras Helena Mônaco, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Danieli Klidzio, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), realizaram pesquisas etnográficas no Brasil, em São Paulo, com sujeitos e coletivos bissexuais e em espaços digitais de sociabilidade, entre os anos de 2019 e 2021, buscando explorar o ativismo bissexual de acordo com os seus usos das mídias digitais. As autoras problematizaram a não neutralidade dos ambientes e das produções no digital, parafraseando o digital como um campo político de disputas, intrínseco às lutas cotidianas, na medida em que reproduz condições de (des)igualdade social, sexual e de gênero. De acordo com as autoras, há uma biografia ainda incipiente sobre coletivos e plataformas digitais que sugere as plataformas como elementos importantes para mobilizações e disseminação de informações a partir de organizações coletivas.

As autoras observaram perfis e conteúdos sobre bissexualidade compartilhados em plataformas digitais como Instagram, Youtube e plataformas de

podcasts, buscando explorar as apropriações das mídias digitais pelo ativismo bissexual, tanto a partir de coletivos, quanto a partir das pessoas, individualmente. Ao abordarem estereótipos e a invisibilidade da bissexualidade e da pansexualidade nas experiências de mulheres universitárias em Santa Maria, identificaram a importância do acesso a conteúdos digitais nos processos de reconhecimento como bissexuais. Para elas, são produzidos na internet ativismos digitais, que podem ser compreendidos em suas múltiplas possibilidades de mobilização, seja por meio do compartilhamento de informações sobre bissexualidade em perfis do Instagram, ou através da organização de coletivos e ações que se articulam tanto nas mídias digitais, quanto fora delas, uma vez que permitem a formação de redes de sociabilidade e a criação de espaços seguros de convivência e troca entre pessoas LGBTQIAPN+. O digital configura-se, assim, como um conjunto de relações que emerge da/na prática, com seus potenciais políticos, compreendido em seus fluxos e mídias, bem como tendo um papel importante na ampliação de rotas de aparecimento e legibilidade política dessas vidas precarizadas.

2.1. Bicha, pesquisadora e nordestina

O desejo de pesquisar rotas de aparecimento da comunidade LGBTQIAPN+ no Spotify nasce das minhas experiências como gay, ativista, psicólogo e pesquisador que vive no Nordeste do Brasil. Sou uma bicha, branca, que nasci em 1992, em Maceió, capital do estado de Alagoas. Sou o filho mais novo de Gilda e Flávio, que tiveram também Emília, que é lésbica, e Marcello, que é gay. Nas vivências com nossos pais, durante as primeiras décadas de nossas vidas, papéis de gênero pautados no binarismo sexista e na heteronormatividade como norma nos foram ensinados desde muito cedo como verdades universais, assim como também experienciamos seus efeitos, os quais reverberaram em nós de maneiras distintas intergeracionalmente: Marcello e eu não gostávamos de rosa, pois era “cor de menina”; Emília não podia jogar bola na rua com os meninos, pois “ia ser sapatão”; na escola eu era “o viado pequeno” por fazer amizade com as meninas; e só podíamos amar pessoas que tivessem as genitálias diferentes das nossas, pois “a maior vergonha para um pai ou uma mãe seria ter um filho ou uma filha viado ou sapatão”.

Venho de uma família que hoje, no entanto, reconhece os efeitos da violência estrutural do machismo, do sexismo e dos papéis de gênero que por muito tempo reproduziu, nos atribuiu e nos ensinou, muitas vezes, das mesmas formas como foram ensinados. Conforme fomos envelhecendo, os lugares da patologização, do erro e da vergonha moral atrelados a pessoas que fossem gays, lésbicas e travestis foram sendo transformados e enfrentados em nossos vínculos familiares, o que aconteceu (e ainda acontece) em momentos como quando nos posicionamos pela primeira vez em casa em relação a nossas sexualidades, eu, aos 17 anos, depois Emília, aos 29, e Marcello, aos 28; nas relações que desenvolvemos com outras pessoas da comunidade LGBTQIAPN+; nos momentos em que incluimos e vivemos com quem amamos nos vínculos familiares e coletivos; e no acesso a estudos, materiais e realidades culturais que ampliam nossas redes de referências e vivências como pessoas LGBTQIAPN+.

Graduei-me na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Campus A. C. Simões, em Maceió, em 2014, no curso de Psicologia, campo disciplinar que me levou inicialmente às experiências de pesquisa e me apresentou à Antropologia. Durante a graduação, estive envolvido em pesquisas sobre cultura popular, juventudes, tecnologias, produção de conceitos, metodologias (desenho, fotografia e vídeo) na investigação e intervenção psicológica no Brasil. Os percursos com a pesquisa me levaram, ao final da graduação, e junto com minha amiga Mariana Duarte, a compartilhar textos e desenhos produzidos por nós num perfil do *Instagram*, chamado @_dobras⁵. Os textos (em formato de poemas) e os desenhos que compartilhamos, retratavam o resgate de nossas histórias e os agenciamentos de nossas vivências enquanto gay e lésbica vivendo em Maceió.

Foi a partir do Dobras que Mariana e eu criamos uma rota para falar sobre questões que até então, 2014, ainda encontrávamos silenciamentos em nossos vínculos: as dores e prazeres de nossas primeiras relações amorosas e nossas autodescobertas e sentimentos como uma bicha-branca e uma mulher-negra-lésbica. Na medida em que compartilhamos nossas produções na plataforma digital do *Instagram*, fomos ganhando seguidoras e seguidores de diferentes lugares do Brasil, que, desde então, interagem conosco no

⁵ Dobras, Disponível em: <https://www.instagram.com/_dobras> Acesso em 03 Março de 2022.

compartilhamento de nossas produções, nas curtidas e nos comentários que deixam nas nossas publicações. O Dobras era, em 2014, uma das primeiras páginas do *Instagram* no Brasil voltada para o compartilhamento de poemas e desenhos que alargavam o aparecimento de experiências de um gay e de uma lésbica do Nordeste do Brasil. O compartilhamento das experiências no Dobras fez dele um lugar de acontecimentos, de expressões e vínculos com outras pessoas que estavam conectadas por vínculos em comum. Hoje, se pode facilmente compreender que as movimentações realizadas por Mariana e eu no Dobras produzem agenciamentos no âmbito dos ativismos digitais e das políticas de aparecimento da comunidade gay e lésbica no Nordeste, por meio de poemas e dos vínculos coletivos que se formaram a partir do compartilhamento deles na internet.

Figura 01. Captura de tela de postagem compartilhada no instagram @_dobras em julho de 2019.



Fonte: Instagram @_dobras

Entre 2016 e 2018, realizei a experiência de estar como residente de Psicologia no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso, da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju, onde além do trabalho desenvolvido como residente na assistência hospitalar, também me dediquei a

pesquisar como a configuração do prontuário multiprofissional e as práticas de profissionais de saúde agenciavam a produção de cuidados em saúde em contextos de hospitalização prolongada. Durante o primeiro ano da residência, porém, dois eventos envolvendo o fato de eu ser uma bicha, molinha e com cabelos longos, no hospital, atravessaram a minha experiência profissional.

O primeiro deles envolve uma vivência de assédio moral praticado por um psicólogo concursado do hospital, que conseguiu o meu número de celular com outra pessoa da instituição e começou a me mandar mensagens com acusações e microviolências sobre minha atuação profissional pelo Whatsapp. Este evento resultou numa reunião, acionada por mim, com todos os profissionais da psicologia que trabalhavam no âmbito do complexo hospitalar (ambulatório e hospital), na qual eu li uma carta de três páginas contendo tudo o que o psicólogo estava fazendo e as medidas jurídicas que eu já estava acionando junto a minha família para intervir na situação de assédio. O desdobramento desse caso na minha experiência, enquanto residente, se deu com o psicólogo me pedindo desculpas e afirmando que havia equivocado-se nas formas que havia reportado-se a mim.

O segundo evento ocorreu a partir do relato de uma paciente a quem eu estava atendendo durante minha passagem pela Clínica Cirúrgica, quando ela relatou a mim que um funcionário do hospital havia ido até ela e outros pacientes para alertá-los de que estavam sendo atendidos por um viado, intencionando colocar em questionamento a legitimidade e qualidade da minha atuação profissional. Não podia um psicólogo viado atuar no atendimento a pacientes que vivenciavam parte de seus adoecimentos numa instituição hospitalar no Nordeste do Brasil? As perseguições e tentativas de subalternização e silenciamento que vivenciei no hospital colocavam em questão quais corporalidades poderiam ou não estar desenvolvendo práticas assistenciais no complexo hospitalar e quais eram até consideradas práticas legíveis ou não.

Essas ações, que traduzem tentativas de subalternização das minhas potencialidades profissionais e de minhas experiências como um homem gay no ambiente hospitalar, foram se diluindo na medida em que eu desenvolvi os meus posicionamentos no trabalho e na assistência hospitalar, mas também, depois que fui convidado a dar uma aula sobre subjetividade, adoecimento e tanatologia, para

uma turma do 9º período de medicina que estava vivenciando o internato no hospital, aula que também contou com a presença de preceptores da área da medicina, bem como profissionais de enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, nutrição, odontologia, psicologia, serviço social e terapia ocupacional que trabalhavam no Hospital Universitário, muitos dos quais não me conheciam pessoalmente e tomavam-me como “a bicha do cabelão que é residente de psicologia”.

Minhas trajetórias de vida, profissional e acadêmica, me levaram ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), também localizado no Campus A. C. Simões, da UFAL, que nasceu em 2015, e no qual eu estive como discente especial desde 2019, e discente regular desde janeiro de 2020, quando realizei minha matrícula de forma presencial. Reconhecer-me como uma bicha também tem sido compreender as regulações de poder que atuam politicamente no agenciamento da condição de precariedade de expressões dissidentes na vida pública, privada e nos lugares sociais que podem ou não habitar.

O cenário político Brasileiro atual, governado por Jair Messias Bolsonaro, tem sido o responsável por uma série de ataques às pessoas e aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil. Partindo, principalmente, de agenciamentos na regulação da cisheteronormatividade como natureza das relações coletivas envolvendo o binarismo homem/mulher e a patologização das vivências dissidentes, o atual governo vem destacando-se no Brasil e no mundo pelas relações agenciadas principalmente nos ambientes digitais, nos quais Bolsonaro é seguido por mais de 15 milhões de pessoas no facebook⁶, mais de 9,5 milhões no twitter⁷ e 23,9 milhões no instagram⁸. Sendo notado pelas grandes mídias do ecossistema global por promover *lives* e fazer publicações nesses ambientes digitais disseminando *fake news*, que interseccionadas por marcadores de sexo, gênero e etnia, promovem o compartilhamento de discursos de ódio contra pessoas dissidentes, seja pela defesa da “natureza” da família tradicional, ou por reiterar

⁶ Perfil de Jair Messias Bolsonaro na rede social Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>> Acesso em 27 de Outubro de 2022.

⁷ Perfil de Jair Messias Bolsonaro na rede social Twitter. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro>> Acesso em 27 de Outubro de 2022.

⁸ Perfil de Jair Messias Bolsonaro na rede social Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/>> Acesso em 27 de Outubro de 2022.

discursos sobre práticas de pedofilia relacionadas a homossexualidades, mamadeiras de piroca para crianças, ideologia de gênero para crianças virarem gays e trans, vacinas contra a covid-19 associadas a AIDS, ou mesmo insistindo em atacar cientistas brasileiros, principalmente cientistas sociais que se inclinam a pesquisar e formar alianças com temáticas referentes à gênero, sexualidade e etnia.

Como pessoa bicha e que atualmente está no lugar de pesquisador na pós-graduação pública no Brasil, me encontrei duplamente afetado em meus movimentos: primeiro por ser uma bicha que vive no Nordeste do Brasil, estado que por muito tempo tem ocupado o ranking de estado com maior número de casos de violências LGBTfobicas no país; segundo, por ser um pesquisador localizado nas ciências humanas e que pesquisa temáticas que articulam gênero e sexualidade a uma preocupação com a transformação social.

Estamos vivenciando uma expansão nas relações com as tecnologias digitais sonoras em diversas áreas da vida humana, questão que também se intensificou junto aos efeitos da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo. Estas intensificações têm acontecido, principalmente, com plataformas digitais sonoras que disponibilizam serviços de músicas e podcasts para as pessoas. Emergem, nestes cenários digitais, redes e movimentações de distintos atores para expandir e tornar aparentes experiências dissidentes no Brasil, tornando as redes sociais verdadeiros espaços de sociabilidades e legibilidades políticas.

Neste contexto, empresas estrangeiras como Deezer, Soundcloud, Spotify e Youtube agenciam nessas plataformas serviços e conteúdos produzidos por uma rede heterogênea de atores que criam e compartilham conteúdos personalizados, seja em formatos de músicas, vídeos e/ou podcasts. Dentre as plataformas, que agenciam distintas formas de vida, o Spotify é um ambiente digital voltado para músicas, podcasts e, mais recentemente, vídeos, que foi lançado em 2008, e tem se popularizado no Brasil desde 2014, ano em que começou a disponibilizar seus serviços no País. Hoje ele pode ser facilmente acessado por meio de dispositivos tecnológicos como computadores, notebooks, smartphones, tablets e smart tvs. Meu interesse de pesquisa nasce no cruzamento dessas questões, junto com a configuração da minha posicionalidade, que materializada na corporalidade de uma bicha nordestina e pesquisadora, se lança numa aliança

ético-político-epistemológica em defesa da valorização das vidas precárias. Esta etnografia propõe-se a compreender como os agenciamentos acerca da comunidade LGBTQIAPN+ tem promovido rotas políticas de aparecimento dessa comunidade em podcasts no Spotify.

Na perspectiva de um posicionamento ético-político-epistemológico, evoco as contribuições de teóricas como Donna Haraway (1995), filósofa e pesquisadora estadunidense que, além de seus engajamentos à área da ciência e tecnologia, também contribuiu criticando as formas como as epistemologias ocidentais produziram uma centralidade e naturalismo do conhecimento do mundo, das coisas e das relações como ontologia primeira, partindo da ideia de objetividade, imparcialidade e neutralidade das ciências; e Deison Marconi (2017), que, afetado pelas discussões de Haraway e bell hooks, publicou na Revista de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, o artigo “Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados”.

Em 2017, Deison Marconi elaborou um manifesto em defesa da produção de conhecimento científico posicionado e localizado a partir de sua posição de bicha. O ensaio origina-se a partir da experiência que Deison teve quando foi convidado a participar de uma mesa sobre feminismos contemporâneos, ativismo social e estudos de gênero, numa Universidade do interior do Rio Grande do Sul. Na ocasião, o autor retoma que logo após a apresentação da mesa, a qual contou com a presença de uma professora e um outro professor, se abriu espaço para as falas, ocorrendo tanto comentários que remetiam ao encantamento pelo assunto, quanto comentários homofóbicos, transfóbicos e machistas, mas que chegaram a ser contestados pelas próprias pessoas presentes no evento. Dessa experiência, dois fatos sucederam-se para potencializar as reflexões de Deison: o primeiro diz respeito a um aluno gay, que logo após o encerramento do evento, foi em sua direção e o abraçou em silêncio, fato que gerou estranhamento no autor por não saber se o aluno o havia abraçado com a intenção de agradecer por algumas de suas falas, ou para acolhê-lo devido às falas violentas que teve de ouvir; o segundo ocorreu numa rodoviária em conversa com a professora e o professor que participaram da mesa de debates, quando o professor o perguntou se ele não se preocupava em estar sempre tentando auto afirmar-se ao falar dos estudos de

gênero, corpo e sexualidade, assumindo um nível de imparcialidade científica em seu trabalho, e se ele não tinha receio das pessoas só enxergarem a bicha em sala de aula, questões que podiam colocar sua produção intelectual escondida “atrás da figura da bicha”. Ué, mas não pode uma bicha exercer a docência, ministrar aulas ou participar de mesas redondas numa Universidade sem que sua produção intelectual seja colocada em questionamento pelo fato dela ser uma bicha e não performar um modelo de masculinidade heteronormativa?

A partir dessas experiências, Marconi (2017) discorre sobre os saberes localizados propostos por Haraway, movimentos em que a ruptura epistemológica põe em questão lógicas sobre como a produção de conhecimento científico não só é construída historicamente, como também é localizada e posicionada: “branca, masculinista, heterossexual, positivista, ocidental e de elite” (MARCONI, 2017, p.57). Foi a partir dessa ciência, que se dizia objetiva, neutra e que buscava explicar verdades universais, que também nasceu a figura cristalizada do marginal, a patologização da homossexualidade, a mulher mal desenvolvida e todas as pessoas que não eram normais, ou seja, os anormais, frutos da subalternidade criada pela ciência imparcial.

Sabemos que qualquer pessoa que fala, fala de algum lugar, então assume uma posição. Fala-se de diferentes locais, espaços, posições e trânsitos, porém, a cobrança da objetividade imparcial, como afirma Marconi (2017), é direcionada principalmente a pessoas que se dedicam a estudar as suas formas de estar no mundo e como foram empurradas para esses lugares.

[...] E por esse motivo, me cheira a cinismo quando vejo essa cobrança de objetividade imparcial (e a negação das subjetividades) sendo direcionada principalmente as mulheres, as bichas, aos travecos, aos pobres, as putas, aos pretos, as sapatonas, aos latinos e aos migrantes que se dedicam a estudar sobre as suas formas de estar no mundo, sobre como foram sistematicamente empurrados para esses lugares pouco assépticos e insalubres, porém muito barulhentos. (MARCONI, 2017, p. 57)

Nenhuma intelectualidade deve ser colocada em questão por se parecer bicha demais, por ser travesti, por ser negra, indígena ou pessoa com deficiência. E, neste sentido, o autor reitera que as posições de classe, etnia, sexo e gênero são

elementos importantes a serem investigados, não apenas pelo fato de que, historicamente, bichas, pessoas negras e mulheres foram excluídas dos estudos de suas próprias experiências de vida, ou pelo fato de que muitos sujeitos não fazem parte dos grupos historicamente marginalizados quando falam sobre nós ou por nós tendem a ser mais ouvidos, legitimados e referenciados, mas também pelo fato de que experienciar questões como o estigma, as violências históricas e os preconceitos, vivenciando-os corporificadamente e produzir conhecimento sobre isso é diferente de apenas estudar e produzir conhecimento científico sobre esses temas (MARCONI, 2017).

Num período político de constantes ataques às pessoas LGBTQIAPN+ e de anti-cientificismo, usar a precariedade como catalisador de autovalorização e potência de vida, considerando as condições sociais, os engajamentos afetivos, pode servir para transformar nossa consciência, nossas vidas e de outras pessoas. Neste argumento, ao falar sobre o termo bicha intelectual, Marconi (2017. p. 59) destaca:

Não uso aqui o termo intelectual com o desejo de reforçar a sacralização do gênio, mas sim para profaná-lo nos termos de Giorgio Agamben (2007). Ao falar da bicha intelectual, quero refletir sobre como as bichas – e pessoas negras, sapatas, mulheres, veados, putas, travecos – se valem da ciência, enquanto dispositivo, para desarmar a lógica do discurso científico tradicional, da produção de conhecimento e de uma cultura de violência. Com isso, também quero tirar a figura do intelectual de sua condição sacralizada do cânone branco masculinista e convocá-lo para violar a própria lógica violenta, para torcê-lo, incomodá-lo, desestabilizá-lo, para fazê-lo falar diferente, apontar outros rumos e encontrar outras vozes.

Compreendo que a academia tem sido um espaço potente na luta contra desigualdades e a partir desses encontros, me lanço nesse movimento ético-político-epistemológico na corporalidade de uma bicha intelectual nordestina com “um argumento a favor do conhecimento situado e corporificado contra vários postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis” (HARAWAY, 1995, p. 22), inclinado a me apropriar da ciência enquanto dispositivo de produção de conhecimento e configurar alianças em prol de uma ciência engajada, posicionada, corporificada e localizada historicamente.

Nestes cenários e trânsitos, que cruzam minhas experiências e posição enquanto bicha nordestina, as relações que desenvolvo com o ciberativismo LGBTQIAPN+ e com tecnologias e produção de conhecimento, que surge o problema de pesquisa: compreender como os agenciamentos acerca da comunidade LGBTQIAPN+ tem promovido rotas políticas de aparecimento dessa comunidade em podcasts no Spotify?

2.2. Reagregando o mundo com o digital: diálogos antropológicos, vínculos e aparecimento da comunidade LGBTQIAPN+

Nas últimas décadas, estudiosas e estudiosos de diversos lugares do mundo e campos de conhecimento têm suscitado importantes debates sobre as tramas envolvendo ciência, tecnologia, configurações de mundos e cotidianos sociais. Essas pesquisas têm refletido não só sobre os efeitos das relações entre humanos e não-humanos, nas configurações de mundos e práticas culturais, mas também têm convidado a própria área da antropologia a repensar o campo antropológico e as práticas etnográficas. Com isso, na medida em que começaram a se desenvolver trabalhos com e na internet, também foi preciso pensar o campo da etnografia digital, e suas políticas etnográficas. As pesquisas em ambientes digitais têm possibilitado compreender diversas movimentações e transformações culturais feitas com e na internet, principalmente em termos de políticas de aparecimento para marcadores sociais envolvendo etnia, gênero e sexualidade.

Com a virada ontológica na antropologia, a crítica ao eurocentrismo científico (SAID, 2007) ganhou espaço com diversos autores como Bruno Latour (2012), Tim Ingold (2012), Marilyn Strathern (2014), Donna Haraway (2009), Christine Hine (2020) evocando para a discussão as formas como as epistemologias ocidentais produziram uma centralidade e naturalização do conhecimento do mundo, das coisas e das relações como ontologia primeira (ARMANI, 2020). Diversos desses autores situam-se nos estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), que, dentre as discussões promovidas, está o interesse nas relações entre atores humanos e não-humanos, compreendida a partir da simetria de suas posições como actantes. Isto quer dizer que os estudos sobre CTS, uma vez que desconstroem a

hierarquia entre sujeitos e objetos, colocando-os em posições simétricas, evocam outras formas da ciência antropológica lidar com seus objetos de estudo, ou seja, reconhecendo-os como atores heterogêneos em constantes redes de relações e negociações.

Aplicativos digitais podem levar-nos a outras formas de nos relacionarmos com pessoas, assuntos que antes ficavam sob domínio de grandes veículos de informação e comunicação hoje se espalham nas redes e criam novas formas de solidariedade. Pessoas têm compartilhado suas experiências de vida e profissionais, multiplicando as opções conhecidas a partir de relatos individuais e coletivos, reagregando as possibilidades de existir num mundo interconectado. Nomes como o de Donna Haraway, professora de história da consciência da universidade da Califórnia, e Christine Hine, professora de Sociologia da Universidade de Surrey, tem impulsionado uma parcela importante de debates implicados em refletir sobre relações envolvendo ciência, tecnologia e cotidianos sociais.

Seja refletidos na figura híbrida do ciborgue (HAWARAY, 2009) ou mesmo nos questionamentos sobre o que as pessoas pensam que estão fazendo quando usam a internet (HINE, 2020), o fato é que os efeitos dessas discussões sobre a vida humana cuidaram de desmanchar a natureza individual e coletiva da subjetividade humana. Sem uma essência ontológica de todas as coisas, o mito da neutralidade científica jaz desmascarado e se anuncia o caráter ficcional e de possibilidades de participação e criação de mundos junto às tecnologias.

Todos esses avanços têm reverberado de distintas maneiras nas configurações culturais de pessoas e coletivos de todos os lugares do ecossistema global. Se um dia a ciência ocupou-se em buscar descobrir a verdade universal da natureza das coisas e das relações humanas, hoje, trata de seguir as associações que abrem espaços para reagregar o social (LATOURE, 2012), pensando mundos possíveis e em movimento. Desde a noção de rede, a noção de vínculo, de Latour (2016), há uma questão a ser destacada: *“para compreender a movimentação dos sujeitos, suas emoções, suas paixões, é preciso interessar-se sobre aquilo que os vincula e os movimenta”* (p. 137). São nesses movimentos que as tecnologias digitais e a emergência de práticas sociais advindas delas, que são provocados deslocamentos a partir dos usos e saberes que circulam por elas, reconfigurando as

formas como atores humanos aprendem, ensinam, produzem, compartilham nas redes e vivem fora delas (FERNANDES e SANTOS, 2020).

A exemplo disso, acompanhamos a pesquisa⁹ de Souza e Dias Jr. (2019) que aborda aspectos das mídias e redes sociais no contexto da organização social do povo indígena WaiWai, na Amazônia. Por meio de entrevistas com pessoas indígenas com idades variando entre 10 e 60 anos, os autores buscaram compreender os usos que elas faziam dos celulares, da internet, e como reverberavam nos desdobramentos na Comunidade do Anauá. Com as comunidades indígenas cada vez mais interligadas aos contextos urbanos, houve uma intensificação e expansão do acesso aos produtos industrializados, engendrando novas configurações nas vivências e na comunicação das comunidades WaiWai. A presença de uma antena de Wi-fi na comunidade, presenteada por um candidato na época da eleição, facilitou um expressivo fluxo das redes sociais WaiWai em plataformas como Facebook, WhatsApp e Instagram, configurando coletivos WaiWai espalhados pelas redes sociais, onde se comunicam na própria língua. Para a maioria das pessoas que foram abordadas, o uso do celular com armazenamento de dados em cartões de memória é importante para um registro da cultura. Isso contribui para que as novas gerações possam saber como seus pais e avós viviam. É também um artifício para que suas diferenças sobrevivam diante de outros mundos, como o dos brancos, que favorece estratégias criativas de inserção no circuito das aldeias e das cidades, dá visibilidade e novos suportes para a história e a vida cotidiana nas comunidades.

De acordo com os autores, crianças e jovens WaiWai se relacionam desde cedo com dispositivos tecnológicos conectados à internet para compartilhar seus momentos cotidianos. Essa inclusão dos jovens não é feita apenas no mundo tecnológico dos brancos, mas também do seu próprio universo Waiwai, articulado pelas redes sociais onde passam a encontrar-se também virtualmente. Esses fatos acarretaram novos arranjos para as lideranças indígenas, que estabeleceram normas específicas para o uso de dispositivos tecnológicos associados às redes virtuais. Nesse contexto, alguns indígenas mais velhos e lideranças preocupam-se

⁹ Publicada no Dossiê Cosmopolíticas Amazônicas e Reflexividades Indígenas, que tem estimulado a produção de trabalhos produzidos por estudantes indígenas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, há mais de 10 anos.

com a forma que mídias foram incorporadas à cultura indígena, acarretando outros elementos na transformação da vida social WaiWai. A inserção cada vez maior de jovens indígenas nos contextos urbanos, as mudanças nos princípios e regras das comunidades em relação às trocas matrimoniais são exemplos dessas transformações. O acesso dos jovens às redes sociais permitiu que estes agora pudessem se encontrar, se envolver e chegar até a se casar, sem que a participação ativa de seus pais e articulações no núcleo doméstico ocorressem como acontecia como antes (SOUZA e DIAS JR., 2019).

Especificamente no que tange a configuração de produções antropológicas acadêmicas que debatem as relações envolvendo ciência, tecnologia e cotidianos sociais aqui no Brasil, Segata e Rifiotis (2016), nos lembram que o GrupCiber¹⁰ tem, desde a sua fundação em 1996, mobilizado debates preocupados em refletir sobre os desafios e possibilidades de pesquisas etnográficas desenvolvidas no campo da cibercultura. Esses debates culminaram em 2016 na publicação do livro *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*, que reúne esforços de pesquisas antropológicas que posicionam e situam a etnografia na cibercultura, se desdobram nos mais distintos fluxos e redes de experiências em que a vida acontece, e implicam-se em revisitar criticamente seus fluxos teóricos, metodológicos e de atuação no campo da cibercultura. O que vale ressaltar é que há três décadas, quando estes pesquisadores já anunciavam os engajamentos antropológicos com as tecnologias e, em especial, com as redes sociais, também já se enfatizava a urgência de políticas etnográficas que orientassem as problematizações que surgiriam sob os fluxos, heterogêneos e dinâmicos, que cruzassem essas relações.

Vale ressaltar que a cibercultura têm sido lócus de diversas investigações etnográficas e produções intelectuais nas ciências sociais e antropológicas no Brasil desde o início dos anos 2000 (ESCOBAR, 2016; SEGATA, 2016; FERRAZ, 2019; DORNELLES, 2008; SOUZA, 2019). Como ressaltam Segata e Rifiotis (2016), o campo de conhecimento da cibercultura tem sido consolidado nas últimas décadas devido ao interesse de antropólogos pela ciência e tecnologia, e ao desenvolvimento de etnografias no ciberespaço. Ciência e tecnologia são campos cruciais para a criação da cultura no mundo contemporâneo e as redes sociais favorecem a

¹⁰ – Grupo de Pesquisas em Ciberantropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

emergência de novos campos possíveis de pesquisa, profícuos para pesquisadores da antropologia desenvolverem suas etnografias. Neste sentido, é preciso destacar que os estudos da tecnologia estão transformando as noções clássicas de campo (ESCOBAR, 2016), e é fato que os debates antropológicos sobre a cibercultura deslocam e redimensionam as discussões sobre projetos políticos de práticas etnográficas, mas sabemos também que etnografias em ambientes digitais receberam e rebateram inúmeras críticas em seus anos iniciais a respeito de suas legitimidades científicas. Foi na configuração desses fluxos que as etnografias em ambientes virtuais também se fortaleceram com as contribuições da Teoria Ator-Rede, revisitando suas próprias produções intelectuais de forma crítica no decorrer dos anos.

Estes percursos que a antropologia vem tecendo junto com as tecnologias não só mobilizam as distintas potencialidades de se trabalhar e pensar estratégias com o digital, como também convidam a pensar e transformar as relações de pesquisadores com os saberes e os fazeres etnográficos. Neste sentido, Cláudia Pereira Ferraz (2019) ressalta que a pesquisa em plataformas digitais têm possibilitado uma reapropriação da etnografia enquanto método, permitindo o contato com um universo em constante movimento, no as possibilidades de encontros com os dados, quando compreendidos em suas redes, heterogêneas, coletivas e em negociações, representam e concentram uma série de princípios e valores. A autora também reitera a importância dos estudos acerca dos efeitos das tecnologias da comunicação na sociedade, ressaltando os lugares da etnografia e das abordagens antropológicas nas análises críticas das mais recentes mídias digitais. É nesta direção que Segata e Rifiotis (2016) ressaltam que a etnografia na cibercultura posiciona e situa a pesquisa no lugar em que ela é produzida e significada cotidianamente, onde artefatos e outros seres são cruzados e coproduzidos com e pelas tecnologias digitais.

Débora Leitão e Laura Gomes são antropólogas que desenvolvem pesquisas envolvendo a antropologia urbana e internet há alguns anos no Brasil. Em um de seus trabalhos recentes (LEITÃO e GOMES, 2017), compartilham os avanços de suas reflexões metodológicas sobre pesquisas em ambientes digitais, propondo o debate sobre três sensibilidades etnográficas que consideram o tipo de pesquisa em

campo e as estratégias adotadas em campo: as perambulações, os acompanhamentos e as imersões. As reflexões elencadas pelas autoras costumam as plataformas digitais à ideia de ambientes onde outros modos particulares de vida tornam-se possíveis. Essas contribuições são inspiradas a partir do contato com o filme *Emoji*, animação estadunidense lançada em 2017, no qual aplicativos de plataformas digitais engendram modos de vida que se assemelham ao imaginário de vivências em cidades, com características físicas, socioculturais, políticas, éticas e morais próprias. Locais para pesquisas antropológicas serem desenvolvidas, as plataformas digitais e seus ecossistemas, possuem suas próprias lógicas de funcionamento e implicam no tipo de presença que a pessoa pesquisadora terá em campo, cabendo a pesquisadoras e pesquisadores identificar as condições necessárias para a compreensão dos modos de habitar o ambiente pesquisado (LEITÃO E GOMES, 2017).

Reitero que essas propostas metodológicas são pensadas ao considerar o tipo de presença em campo e as estratégias adotadas pelo pesquisador, as quais, destacam as autoras, são efeitos e resultados das lógicas de funcionamento e agências das plataformas. Nesta pesquisa, adoto a perambulação como estratégia metodológica que, cruzada com a observação on-line, potencializa uma lógica de sensibilidade e narrativa etnográfica ao percorrer fluxos de *hashtag*, imagens e rastros nas redes. Sendo assim, a perambulação permite reconstruir os caminhos percorridos por atores nas redes e, também, amplia as possibilidades de registro de dados, a partir do uso de distintas linguagens disponíveis na cibercultura. Neste sentido, a etnografia por perambulação, uma das sensibilidades etnográficas proposta por Leitão e Gomes (2017), e com a qual desenvolvo relações na minha prática de pesquisa, caracteriza-se como uma sensibilidade transeunte. Feita por idas e vindas, percorrendo fluxos de informações na rede, me deixando conduzir pelo inesperado e pelas afetações ao longo dos trajetos percorridos. Essa estratégia é útil em plataformas com características de trânsitos intensos e efemeridade no compartilhamento de mensagens, que comumente podem ser acessadas pela busca por *hashtags*, marcadores que, combinados pelos algoritmos, direcionam e possibilitam acompanhar os fluxos de postagens e informações que se ligam ao conteúdo daquele marcador, ou por outros mecanismos de busca que direcionam a

pessoa pesquisadora ao fluxo de informações que está buscando. Nos contextos de pesquisas em ambientes digitais, as autoras ressaltam a importância de adotar uma postura reflexiva acerca da posicionalidade e inserção do pesquisador nas plataformas, indo além dos simples registros de conteúdos ou do que é narrado por interlocutores. Este apontamento enfatiza a utilização de diários de campo em ambientes digitais, com registros de impressões, sensações, afetações e experiências que não podem ser congeladas em seus fluxos discursivos e imagéticos, como em recursos de *printscreen* ou copiar e colar.

No aglutinado de trabalhos antropológicos desenvolvidos em ambientes digitais no Brasil nos últimos anos, Débora Allebrandt e Camilla Lumatti Freitas pesquisaram nas redes sociais Instagram, Facebook e YouTube junto a pessoas que estão tentando ter filhos com ou sem a ajuda de novas tecnologias reprodutivas, autodenominadas tentantes. Nos percursos metodológicos que se configuram nas/pelas ferramentas e modos característicos específicos de pesquisar das redes sociais, a inserção e observação participante online foram estratégias utilizadas durante a experiência etnográfica, que transitou por hashtags como *Reprodução Assistida*, *Cegonha* e *Tentantes* nas redes sociais, especificamente a rede social Instagram, até chegar ao encontro com dois perfis que abordam temas específicos do universo pesquisado.

Estes percursos foram possíveis através dos agenciamentos num perfil de pesquisa chamado “pesquisa tentantes”, criado na rede social do Instagram, pelas pesquisadoras, com intuito de possibilitar a interação “*junto a pessoas que compartilhavam as suas experiências de ausência involuntária de filhos e delimitar claramente o nosso lugar enquanto pesquisadoras*”. Além dos engajamentos no perfil de pesquisa, que envolviam o compartilhamento de atividades cotidianas, de experiências com médicos e de mensagens motivacionais, foi por meio do mapeamento de comentários nas publicações dos perfis que as pesquisadoras puderam acessar, se aproximar e entender as interações entre as tentantes. As autoras ressaltaram a configuração de modos particulares de se movimentar frente ao desafio da ausência involuntária de filhos, que são possíveis na coprodução de lugares em que a partilha de emoções, vivências e o aglutinado de temáticas e informações relacionadas ao assunto, se desdobram na configuração de redes de

solidariedade envolvendo mulheres. Também refletem sobre um ativismo digital centrado no desejo de ter filhos que, dentre distintas possibilidades de atuação, enfoca os marcadores hegemônicos da infertilidade e a desmistificação da ausência involuntária de filhos e suas causas (ALLEBRANDT, FREITAS, 2020).

Navegando nas redes e deslocando-se por cidades, a pesquisa de Sheila Cavalcante dos Santos (2020), realizada na plataforma virtual *Tinder*, buscou compreender as formas como o aplicativo inseria-se nas dinâmicas de relações interpessoais das pessoas, cruzando desejos afetivos-sexuais e tecnologias de geolocalização. A pesquisadora descreve como as lógicas de funcionamento da plataforma a conduziram a outra plataforma virtual, o *Whatsapp*, aplicativo de troca de mensagens instantâneas, como recurso de prolongar a comunicação com seus interlocutores de pesquisa e até mesmo combinar os encontros presenciais. Ao atentar-se para as características próprias do ambiente digital, as quais projetam intenções de usos distintos, combinadas a parâmetros como geolocalização, preferências pessoais e algoritmos, a autora ressaltou como o *Tinder*, rede social para fins de relacionamentos, naquela ocasião, ao tempo em que se configurou de maneira ativa a ampliar as possibilidades de encontros e buscas por outras pessoas, também ocasionou movimentos de procura e afastamento a partir de agenciamentos em volta de expectativas, afinidades e reciprocidades nas trocas intersubjetivas. Nesse contexto de negociações em rede, a pesquisadora apontou que os desafios que delinearam os fluxos ético-metodológicos de seu campo estiveram relacionados, em sua maioria, aos modos de fazer característicos dos usos da plataforma digital, enfatizando a necessidade de instrumentalização e reflexão teórica e metodológica sobre etnografias desenvolvidas em ambientes digitais para guiar pesquisas antropológicas desenvolvidas nesses ambientes.

Nos processos de digitalização da vida, a manipulação dos sons ganha contornos mais elaborados, que movimentam e aglutinam experiências individuais e coletivas, as tornando aparentes na medida em que são expostas. Nesse contexto, os estudos que versam sobre mídias digitais, sonoridades e gênero, em especial aqueles que abordam pautas de ativistas e movimentos sociopolíticos LGBTQIAPN+, também começam a ganhar atenção de pesquisadores na antropologia e em outros campos de disciplinares, seja na sala de aula ou fora dela

(SOUZA, 2019; SILVA, 2019). Um exemplo dessas pesquisas é a de Souza e Balieiro (2021) que buscaram compreender, entre 2016 e 2017, como Linn da Quebrada, multiartista trans brasileira, utilizava as mídias digitais. Os engajamentos e as performatividades no ambiente digital são fundamentais para compreensão de sua trajetória artística, especialmente no que tange ao entrelaçamento da arte com uma militância que articula gênero, sexualidade, raça e classe social. Por meio de perambulações realizadas nas plataformas digitais do youtube, facebook e instagram, os pesquisadores percorreram fluxos de hashtags, publicações, entrevistas e stories, atentando para as relações configuradas a partir das interações possibilitadas pelos usos das plataformas e para além delas. Os modos como Linn explora seu corpo, suas histórias de vida e experiências enquanto sujeito dissidente das normas de gênero em sua trajetória enquanto artista, não apenas acompanha o desenvolvimento de sua carreira como artista, como também a modifica. A presença no youtube, divulgando suas produções musicais, estéticas e políticas e em outras plataformas que favorecem uma mensuração em tempo real do engajamento do público permitiu-lhe acessar canais massivos de comunicação. Em pouco tempo ela se tornou alvo de interesse de canais de televisão e campanhas publicitárias, lhe permitindo ocupar outros espaços, algo que antes era praticamente impossível no cenário centralizado das mídias massivas analógicas. Ao mesmo tempo, a ocupação desses espaços enquanto acontecimento alarga também o repertório de representações midiáticas disponíveis sobre a população LGBTQIAP+ (SANTOS e DUQUE, 2019).

Sabe-se, também, que as plataformas digitais sonoras já têm sido agregadas ao cotidiano do saber-fazer de acadêmicos, professores e pesquisadores das ciências sociais há algum tempo, seja como método de trabalho e/ou objeto de estudo (SILVA e BODART, 2015; PROLO, 2019; PINHEIRO et al, 2020). Em 2015, Roniel Sampaio Silva e Cristiano das Neves Bodart, pesquisadores brasileiros das ciências sociais, publicaram o artigo “*O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus*”, na revista Educação, Ciência e Cultura, apresentando um relato de experiência de prática docente em que a utilização do podcast foi parte de uma prática pedagógica nas aulas de sociologia do ensino médio. Vencedores do Prêmio Professores do Brasil, na categoria “Educação Digital

articulada ao desenvolvimento do currículo”, com a mesma proposta em 2013, os autores dedicaram-se a descrever no artigo como se deu o planejamento, a execução do uso de podcast em aulas de sociologia e os resultados advindos dessa proposta de trabalho (SILVA e BODART, 2015).

A experiência apresentada pelos autores desenvolveu-se no contexto das aulas de sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, sendo incorporada ao cotidiano das práticas de ensino como uma estratégia motivadora para potencializar o processo de ensino-aprendizagem de alunos. Através de entrevistas não-sistemáticas com os alunos, os autores identificaram que o uso de equipamentos eletrônicos de comunicação e ouvir música usando celulares eram práticas comuns entre eles, sendo também uma problemática elencada em conversas com professores da instituição. Como resultados e caminhos dessa experiência no âmbito dos processos de ensino-aprendizagem com o podcast, Silva e Bodart (2015) destacam a viabilidade dessa prática como complementação pedagógica e como uma possível ferramenta de aproximação de *habitus* entre educandos e educadores, enfatizando, dentre alguns de seus benefícios, melhorias nas relações educador-educando, no rendimento escolar, no interesse na disciplina, na inclusão de pessoas com deficiência visual e na melhoria de desempenhos de leitura e escrita. Silva e Bodart (2015) finalizaram o artigo ressaltando os desafios da educação do país em incorporar o podcast como instrumento pedagógico de educadores brasileiros e pontuando três possibilidades de caminhos vantajosos para os podcasts: atividades curriculares, processo de ensino/aprendizagem e aprendizagem personalizada.

Alguns anos depois da publicação do trabalho dos autores, Felipe Prolo, em 2019, até então discente do curso de ciências sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defende o trabalho de conclusão de curso “O potencial de Podcasts para o fomento à “imaginação sociológica”. Nele, o autor toma como objeto de estudo dois podcasts brasileiros, o Café com Sociologia (voltado para o ensino de sociologia) e o Anticast (que aborda temáticas de interesse das ciências sociais), para questionar o potencial desse material como apoio no ensino de sociologia e no fomento à “imaginação sociológica”. Para isso, Prolo (2019) se propôs a formular

uma ferramenta de avaliação desses conteúdos, tomando como base a literatura sobre o ensino de sociologia no ensino médio e parâmetros curriculares.

A análise dos podcasts feita por Prolo (2019) foi realizada de maneira comparativa, a partir da criação de dois quadros justapostos. O primeiro foi estruturado em dois eixos de análise: "estímulo a postura investigativa", voltado para o estranhamento e desnaturalização dos fenômenos sociais, problematizando nos podcasts a descrição dos elementos, relação entre elementos e compreensão do outro; e "desenvolvimento humano sustentável", que tratou dos pressupostos e possibilidades de ensino de sociologia no Ensino Médio, avaliando elementos nos podcasts que refletissem a postura democrática, cultura de paz, diversidade cultural e papel das instituições. O segundo quadro tratou de analisar as formas da "abordagem" a partir da identificação teórica, conceitual e/ou temática dos podcasts. A partir da análise comparativa desses elementos, presentes ou não nos podcasts, o autor destacou a validade dos podcasts Café com Sociologia (de Silva e Bodart) e Anticast, no fomento de uma "postura investigativa", levando em consideração que apresentam caráter exploratório sobre temas e teorias pertinentes a área da sociologia. Prolo (2019) também enfatizou a utilização de podcasts como uma alternativa ao texto e recurso de "audioleitura", pontuando suas contribuições ao desenvolvimento de habilidades de escuta e oratória, e chamando a atenção para o fato de que esta prática não deve ser vista como uma proposta que substitua as aulas de sociologia.

Ainda que essa produção acadêmica de artigos sobre Podcasts nas ciências sociais e especialmente na antropologia seja incipiente, também podemos acompanhar profissionais dessas áreas desenvolvendo trabalhos mais recentemente com Podcasts e também sendo reconhecidos através destes. A exemplo disso, o blog da Rádio Kere-kere¹¹, que se apresenta como um espaço de experimentação, troca e aprendizado, reúne iniciativas produzidas nas ciências sociais e, principalmente na antropologia, voltadas para a construção de espaços de reflexão, divulgação e comunicação científica que, através das potências e possibilidades dos podcasts, intencionam ir além dos muros institucionais e da academia. Nessa conjuntura, com objetivo de dar visibilidade e fomentar práticas de

¹¹ Rádio Kere-kere. Disponível em: <<https://radiokerekere.org/>> Acesso em 22 fev, 2022.

divulgação científica desenvolvidas por meio do diálogo entre cientistas sociais e a sociedade, em 2021, na 45ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), o Podcast Larvas Incendiadas, produzido por Thiago Coacci em 2018 com o foco em divulgar e discutir a produção contemporânea de gênero e sexualidade nas ciências humanas, e o Podcast Mundaréu, fundado em 2019 numa parceria entre o LABJor da Unicamp e o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, investindo em conversas e histórias entre antropólogas e seus interlocutores, foram alguns dos projetos que receberam prêmios de divulgação científica pelo reconhecimento de seus trabalhos.

As discussões sobre pesquisas em ambientes digitais apresentaram algumas movimentações realizadas por pesquisadores das ciências sociais do Brasil em seus cotidianos de pesquisa e trabalho. Essas referências serviram para orientar os fluxos teóricos e metodológicos que permearam a minha inserção na plataforma digital do Spotify como pesquisador. A partir dessas aproximações apresento, a seguir, um relato de experiência de estágio docente, na disciplina de Corpo, Saúde e Sexualidade¹², em que foi possível articular as produções de artistas e ativistas LGBTQIAPN+ do Brasil às produções acadêmicas de intelectuais do Brasil e de outros países. Aliando vídeos, músicas e vídeos de relatos de experiências à referências científicas, intencionou ampliar as alianças entre a academia e a realidade de grupos e movimentos sociais brasileiros, reverberando em discussões com as seguintes temáticas: teoria queer; crítica à naturalização dos papéis de gênero; racismo, sexismo e interseccionalidade; e manifesto contrassexual.

2.3. Observando potencialidades em sala de aula

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidade temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras,

¹² Disciplina eletiva ofertada na graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Nádia Elisa Meinerz.

para transgredir. Isso é educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 273)

Neste tópico trago a experiência de aliar o ativismo LGBTQIAPN+ do Brasil junto à academia, trabalhando com narrativas audiovisuais durante o período em que realizei o estágio docente da disciplina de Corpo, Saúde e Sexualidade. É neste cenário que o cruzamento entre o ativismo LGBTQIAPN+, as relações que tenho estabelecido com tecnologias e produção de conhecimento, e as produções científicas sobre etnia, gênero e sexualidade em minha pesquisa, se concretizaram na forma de pedagogia engajada, seguindo a definição de bell hooks (2013).

Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, lançado por bell hooks em 1994 e traduzido para o português em 2013, a autora traz o debate da educação propondo uma perspectiva libertadora. O trecho que inicia este tópico é a última passagem do livro, que conta com uma série de 14 ensaios trazidos pela autora e que desenvolvem o debate acerca dos sabores e dissabores de atuar em sala de aula, elencando suas experiências como uma mulher negra, desde quando era criança, na posição de aluna, até chegar ao exercício da docência. bell hooks (2013) propõe, nos trânsitos de suas experiências, uma perspectiva engajada, em que o ato de ensinar é, antes de tudo, um ato político que incita a experiência do aprendizado como revolução capaz de transgredir as fronteiras raciais, sexuais e de classe, um lugar repleto de êxtase. Ensinar e aprender são, então, co-produzidos em sala de aula, na relação que se desenvolve entre docentes e discentes. Desde sua infância, marcada na escola ainda pelo *Apartheid*, às experiências na graduação, bell hooks discorre sobre seus aprendizados, seja elencando os aprendizados com suas professoras negras que muito lhe inspiraram em suas missões de ensinar como atos políticos, aos desprazeres da educação recebida como forma de dominação, exercida por professores brancos, e a qual marcou sua experiência sobre o tipo de professora que não desejava ser.

Como uma bicha, ativista e pesquisadora, apresento a experiência de aliar ativismos LGBTQIAPN+ do Brasil junto às discussões científicas nas ciências sociais, especialmente o que tange o interesse nos estudos de gênero e sexualidade na sala de aula. Para buscar referências audiovisuais de artistas e ativistas LGBTQIAPN+ do Brasil, rodei um questionário sobre

gostos musicais entre pessoas conhecidas através do whatsapp. As interações no questionário serviram para selecionar as ativistas e artistas LGBTQIAPN+ que integrariam a ementa da disciplina junto aos textos acadêmicos. No que tange à utilização dos materiais audiovisuais e sonoros de artistas LGBTQIAP+ do Brasil para compor a ementa da disciplina, a seleção desses materiais deu-se a partir da leitura na íntegra dos textos acadêmicos que seriam utilizados nas aulas, enfatizando como a apreensão de conceitos e temáticas elencadas nos textos relacionavam-se com os conteúdos expressos nos materiais audiovisuais e sonoros de artistas LGBTQIAP+ do Brasil. Dessa forma, fizemos uso de artigos científicos, filmes, podcasts, músicas e audiovisuais que, articulados, foram disparadores para os diálogos, reflexões, problematizações, atividades e avaliações propostas na disciplina. É importante destacar o contexto em que a disciplina aconteceu, o terceiro semestre consecutivo sem aulas presenciais, levando em consideração os efeitos da pandemia da COVID-19 e as adaptações pedagógicas para o ensino remoto¹³. Foram 12 encontros síncronos, que ocorreram em plataformas digitais como *Google Meet* e *Zoom*. A disciplina estruturou-se em três unidades, das quais decidimos que eu mediaria as discussões de uma aula em cada unidade, contribuindo em todos os encontros com reflexões e problematizações.

As músicas e videoclipes selecionados eram reproduzidos em dois momentos, tanto no início das aulas, quanto na metade, dando vazão às discussões. Para valorizar a participação dos discentes na disciplina, também agregamos músicas e videoclipes sugeridos por elas e eles durante as aulas, alguns dos quais eram reproduzidos ao final dos nossos encontros e, também, compartilhados num grupo de *Whatsapp* da disciplina criado para alargar as comunicações em tempos de vivências exclusivamente remotas.

Nestes cenários, discutimos sobre teoria Queer no Brasil imbricando intelectuais acadêmicas como Larissa Pelúcio (2014) a produções de mulheres trans como *O que pode um corpo sem juízo*, da multiartista, da Zona Sul de São Paulo, Jup do Bairro; *Gordo Week*, da cantora, poeta e atriz paraibana Bianca Manicongo,

¹³ A realização do estágio docente ocorreu entre março e junho de 2021, contando com a participação de discentes dos cursos de graduação em Ciências Sociais, História e Letras, da Universidade Federal de Alagoas, além da participação de três alunas ouvintes.

mais conhecida pelo nome artístico de Bixarte; e *A lenda*, da cantora, compositora, atriz e ativista social, da Zona Leste de São Paulo, Linn da Quebrada. Problematizamos colonialismo e gênero em discussões sobre “corpos que escapam” dos padrões de regulações cisheteronormativas, aproximando os debates acadêmicos trazidos pela intelectual Nádya Elisa Meinerz (2011) com as obras *Pandemia* de Kaê Guajajara, cantora, compositora indígena, atriz, escritora, arte educadora, autora e ativista indígena brasileira; e *Tcheca* da cantora trans de Maceió, Danny Bond.

Avançamos na crítica à naturalização dos papéis de gênero articulando intelectuais acadêmicas como Judith Butler (2009), a obras como *Você não existe*, da cantora e multiartista Drag Queen, do Rio Grande do Norte, Potyguara Bardo; e *Todxs Putxs*, da cantora e compositora brasileira Ekena. Problematizamos os desdobramentos do racismo, sexismo e da interseccionalidade unindo produções acadêmicas de intelectuais como Ana Barbara Araújo (2018) e Lélia Gonzalez (2018), com as obras *Não precisa ser Amélia*, da cantora, compositora, instrumentista, preta e lésbica, Bia Ferreira, e *Eu sou*, do cantor e compositor, preto e gay, Washington Duarte, mais conhecido pelo nome artístico WD. Também cruzamos as reflexões que emergiram da leitura do manifesto contrassexual de Paul Preciado (2014), com a obra *Elevação mental*, de Triz, artista não-binário, da Zona Sul de São Paulo.

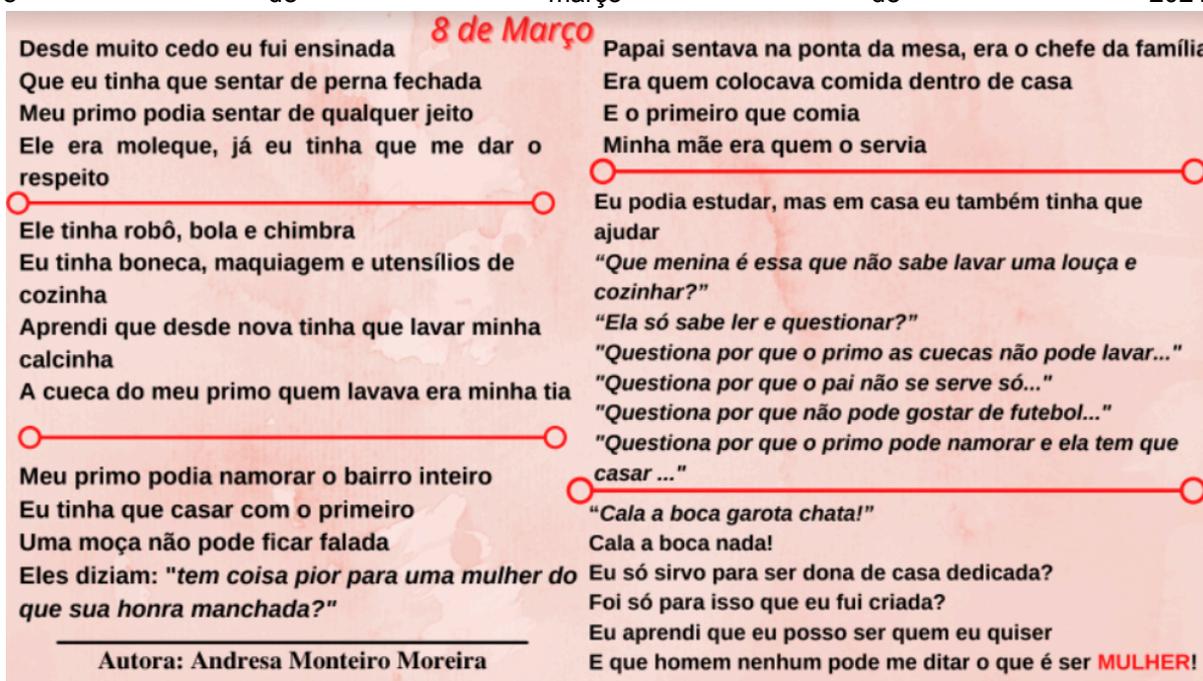
Figura 02. Artistas LGBTQIAPN+ do Brasil e pesquisadores e pesquisadoras que debatem questões envolvendo etnia, gênero e sexualidade, e que foram utilizadas nas experiências em sala de aula.

Teoria Queer no Brasil	   
Crítica à naturalização dos papéis de gênero	  
Racismo, sexismo e interseccionalidade	   
Manifesto Contrassexual	 

Fonte: Autor (2022)

A partir do contato com as produções audiovisuais e sonoras de artistas dissidentes do Brasil, foi possível estabelecer rotas de ligação entre as temáticas debatidas, os conteúdos trazidos nas produções e abrir rotas para performances de discentes durante as aulas, como quando uma discente que pediu espaço para cantar a música *Triste, Louca ou Má*¹⁴, da banda Francisco, El Hombre, durante a aula do dia 8 de março; o compartilhamento de áudios produzidos por alguns discentes para relatar suas experiências com os materiais utilizados; e, também, uma poesia criada e compartilhada por uma discente a partir das reflexões que teve com os materiais. Nessa criação, ela problematiza como os papéis de gênero configuraram tratamentos distintos para ela e seu primo desde o tempo em que ainda eram crianças. Os versos expõem uma cadência de expectativas que foram desmanchando-se e reconfigurando com o passar do tempo, na medida em que ela aprendia sobre quem queria ser e não mais sobre o que lhe era ditado. Podemos acompanhar este poema na figura 03.

Figura 03. Poema criado e compartilhado pela discente Andresa Monteiro Moreira para a aula do dia 8 de março de 2021.



Fonte: Andresa Monteiro Moreira, acervo pessoal.

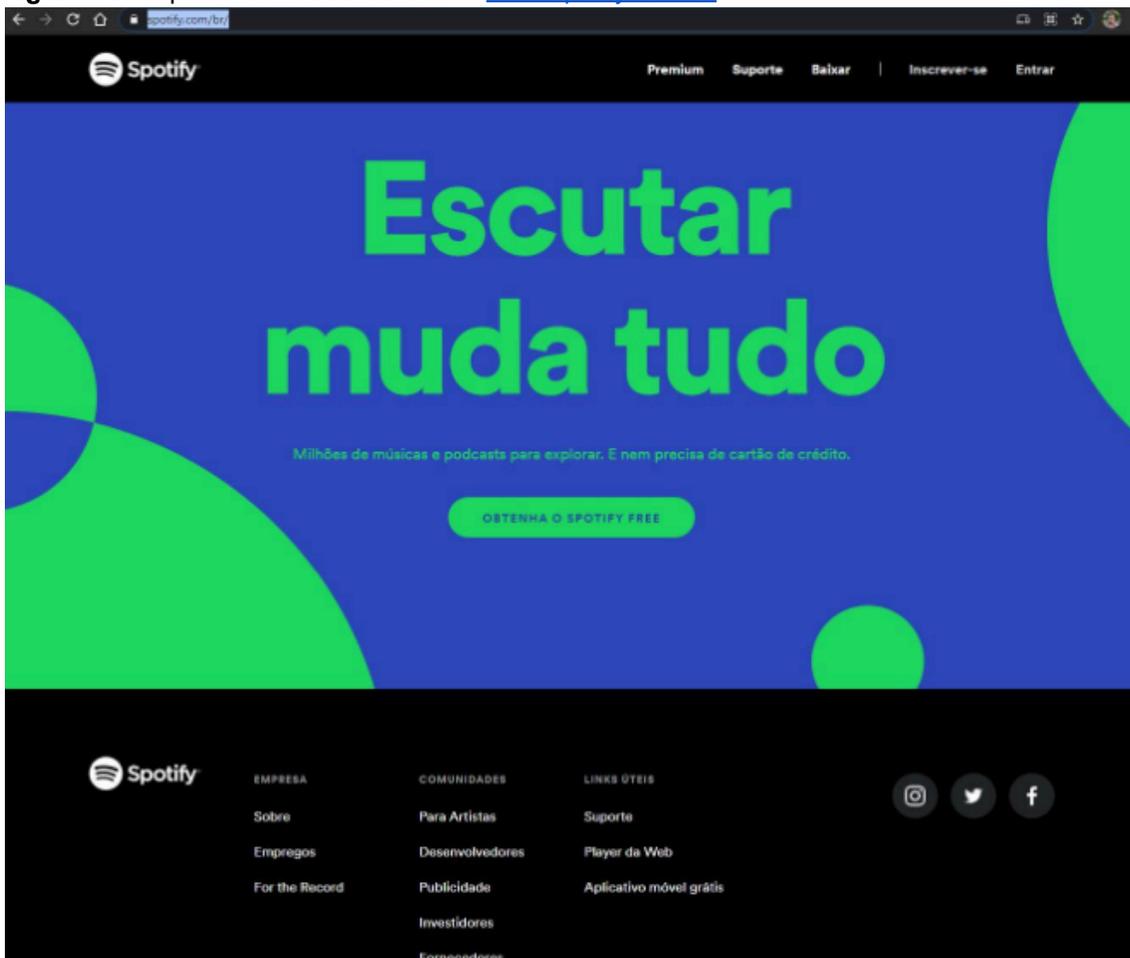
¹⁴ Francisco, el Hombre - Triste, Louca ou Má. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE>> Acesso em 10 de Outubro de 2022.

3. RASTREANDO REDES E PODCASTS: AS REDES “LGBTQIAP+” E “LGBT”

No capítulo anterior, as discussões sobre pesquisas em ambientes digitais apresentaram algumas movimentações realizadas por pesquisadores das ciências sociais do Brasil com podcasts em seus cotidianos de pesquisa e trabalho. As discussões serviram para orientar os fluxos teóricos e metodológicos que permearam a minha inserção na plataforma digital do Spotify como pesquisador. Meus percursos no Spotify começaram em junho de 2021, quando iniciei as perambulações com minha conta pessoal de usuário na plataforma, com a intenção inicial de descrever as formas de entrada na plataforma e investigar as rotas de aparecimento da comunidade “LGBTQIAP+” em podcasts produzidos na variação brasileira da língua portuguesa. Durante as idas e vindas da pesquisa, meus acessos ao Spotify ocorreram, na maior parte das vezes, por meio de um notebook, ora acessando o aplicativo instalado no dispositivo, ora acessando o site. Os recursos visuais utilizados na plataforma (textos descritivos, emojis e imagens), além de construírem os contornos das rotas “LGBTQIAP+” e “LGBT”, também me auxiliaram na experiência sensorial com os podcasts. Isso porque, o aparecimento de informações por meio de textos descritivos, imagens e emojis permitiu observar outros fluxos de informações que não apenas os presentes nas narrativas sonoras. A partir de ferramentas de captura de tela, congelei determinados fluxos que apareciam na pesquisa e com eles fiz montagens e reflexões sobre as informações encontradas.

Na página inicial do site do Spotify, a frase “Escutar muda tudo”, em destaque verde limão e letras grandes no centro da tela, acompanhada por uma frase menor com os dizeres “*Milhões de músicas e podcasts para explorar. E nem precisa de cartão de crédito.*”, apresentam o botão “OBTENHA O SPOTIFY FREE”. No campo superior da tela, o logotipo do Spotify aparece junto às opções “Premium”, “Suporte”, “Baixar”, “Inscrever-se” e “Entrar”, que direcionam seus visitantes para as redes de informações correspondentes às opções apresentadas em sua tela inicial, como mostra a figura 04 abaixo.

Figura 04. Captura da tela inicial do site www.spotify.com.br.



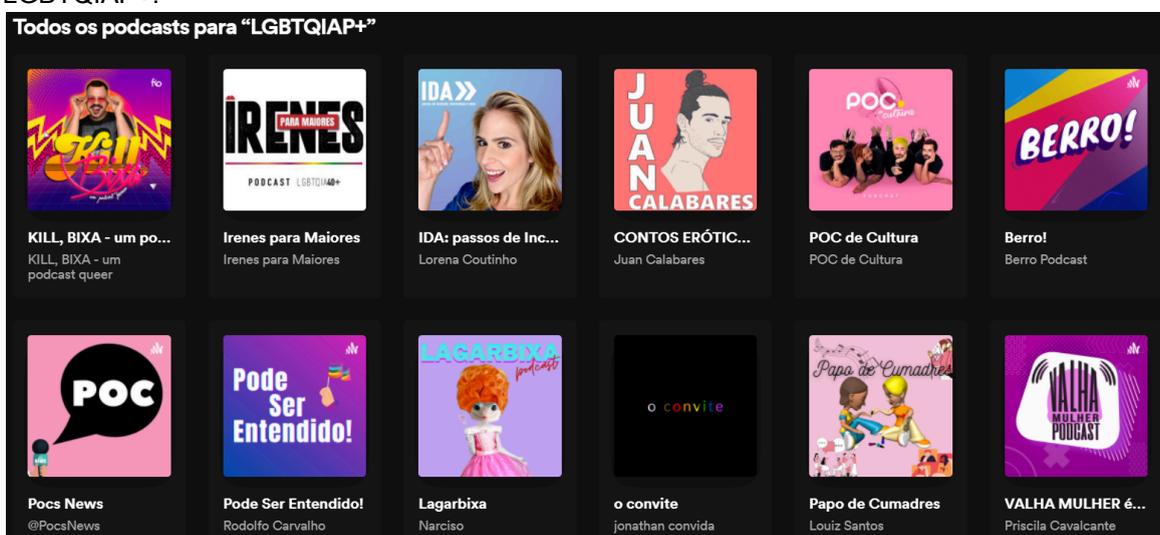
Fonte: Autor (2022)

Para fazer parte do Spotify como usuário é preciso se inscrever através da realização de um cadastro, o qual resultará na criação de um perfil pessoal. Para realizar o cadastro, futuros membros do Spotify devem escolher entre uma das três formas de inserção disponíveis na plataforma: por meio da associação com a rede social Facebook, pela utilização de um e-mail ou através do cadastro de um número de celular. Para que o cadastro seja efetivado, seus visitantes devem preencher dados como a escolha de uma senha, um nome de perfil, data de nascimento, gênero, aceitar os “termos e condições” e as “políticas de privacidade” da plataforma, além de confirmar, clicando em uma imagem, que não é um robô. Há ainda a opção de compartilhar os dados cadastrais com os provedores de conteúdo do Spotify para fins de marketing, e é preciso ter no mínimo 16 anos para fazer parte da plataforma como usuário. Neste ambiente, os “termos e condições” e as “políticas

de privacidade” orientam sobre as formas de uso e convivência na plataforma, devendo ser aceitos pelo usuário que quiser fazer parte da comunidade do Spotify.

Ao rastrear esses podcasts a partir da ferramenta de busca disponibilizada na plataforma com o termo LGBTQIAP+, fui direcionado para uma página que apresentava como resultados as possibilidades de acessar músicas, artistas, álbuns, playlists, podcasts, episódios e perfis de usuários. Na seção de podcasts encontrei 278 programas, dos quais 202 eram produzidos em línguas estrangeiras como inglês, espanhol e japonês e 76 na variação brasileira da língua portuguesa.

Figura 05. Captura de tela de resultados de podcasts encontrados no Spotify a partir do descritor LGBTQIAP+.



Fonte: Autor (2022)

Cataloguei esses 76 podcasts utilizando a ferramenta Google Docs, identificando os seguintes elementos: nome do podcast, autores, descrição, mês e ano da primeira publicação. Um recorte desta catalogação pode ser acompanhado na tabela 01.

Tabela 01. Recorte da catalogação de podcasts produzidos em variação brasileira da língua portuguesa e catalogados a partir do descritor LGBTQIAP+ em 01 de junho de 2021.

Nome do Podcast	Autores	Descrição	Primeira publicação
DESCOBERTAS	Adriana	O podcast DESCOBERTAS LGBTQIA+ DE UMA MULHER TRANS Se trata sobre a minha transição de uma mulher nascida com uma genitália masculina que se descobre uma	

LGBTQIA+ DE UMA MULHER TRANS	Infante Malachias	TRAVESTI aos 18 anos. E toda essa transição é super importante para mim por que só foi no ano de 2020 para 2021 quando eu percebi que tinha alguma coisa estava errada comigo que eu não conseguia me olhar no espelho e me encherar como ADRIANA	MAR 2021
Dixtrava Podcast LGBTQIA+	Dixtrava Podcast LGBTQIA+	Dois amigos falando sobre assuntos e vivências do cotidiano LGBTQIA+ piauiense. "Dixtrava" é um podcast criado por Leandro Soares e Marcos Ângelo, gays que colocam em discussão assuntos da comunidade LGBTQIA+. Aqui você ouvirá pautas relevantes para gays, lésbicas, trans, travestis, todos da sigla LGBTQIA+. Conversaremos com escritores, autores, artistas, médicos, psicólogos, músicos, professores e etc. Aqui, tabu não é para ficar escondido no armário. Dixtrava o amor e o respeito! 🏳️‍🌈	AGO 2020
PINTOSA: O Podcast LGBTQIA+	Gleydson Paiva	Podcast criado para promover a democratização das informações sobre o universo da diversidade sexual e de gênero 🏳️‍🌈 Ser PINTOSA traduz a vivência de subversão LGBTQIA+ e da representatividade da militância em favor da diversidade.	OUT 2020
POC de Cultura	POC de Cultura & Spotify Studios	POC de Cultura é um podcast com quatro pocs que falam um pouco mais sobre a vida, dores e amores da comunidade LGBTQIA+.	SET 2018

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nos fluxos de análise dessa catalogação, desenhei a seguinte linha do tempo: 2016 é o ano que marca a publicação do primeiro podcast inclinado a compartilhar narrativas sonoras LGBTQIA+ no Spotify, seguido por um podcast em 2018, dois podcasts em 2019, 43 podcasts em 2020 e 29 podcasts até o dia 1º de junho de 2021.

Tabela 2. Linha do tempo da quantificação de podcasts encontrados na variação brasileira da língua portuguesa, por ano e catalogados a partir do descritor LGBTQIA+ em 01 de junho de 2021.

Ano	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Podcasts encontrados	1	0	1	2	43	29

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Entre idas e vindas ao Spotify para escutar as narrativas nos podcasts, conhecer seus mais diversificados formatos e propostas, meu itinerário no mês de junho de 2021 estava em ligar o notebook, acessar a internet, abrir o diário de campo digital com a catalogação dos podcasts no Google Docs, a página do Spotify, escutar os podcasts e fazer anotações sobre as minhas experiências em campo. Perambular nesta rede foi, também, uma questão de escolhas e possibilidades, considerando que programas de podcasts brasileiros e estrangeiros coexistem e formam redes que movimentam rotas de aparecimento de expressões dissidentes de distintos lugares do mundo.

Dos elementos que consegui observar durante a pesquisa e que se coadunam para configurar os ambientes dos podcasts, estão imagens personalizadas de perfis e de episódios de podcasts, nomes dos podcasts, espaço destinado para descrição do podcast, títulos dos episódios, identificação de mês, ano de publicação e tempo de duração dos episódios. Nesses espaços, são veiculados desenhos como arco-íris, logotipos, cores que remetem às cores da bandeira da diversidade, junto a emojis, links de blogs, e-mails e perfis de outras redes sociais (instagram, youtube, facebook) dos podcasts, de convidados ou de seus criadores. Elementos como quantidades de ouvintes mensais, número de reprodução dos episódios, pessoas que seguem, ou quantidade de compartilhamentos dos episódios ainda não estão disponíveis para quem visita os ambientes de podcasts no Spotify.

Não foi difícil de notar que as propostas e formas para ocupar este ambiente a partir do marcador LGBTQIAP+ logo são distintas e heterogêneas. Por exemplo, o podcast *Descobertas LGBTQIA+ de uma mulher trans*¹⁵, criado em 1 de março de 2021, relata o processo de transição de Adriana Infante Malachias, mulher trans que se descobre travesti aos 18 anos e discute como o processo de transição lhe foi importante em sua percepção sobre si mesma e no seu reconhecimento como Adriana.

Já o podcast *Contos eróticos Juan Calabares*¹⁶, criado em 2020, compartilha contos eróticos LGBTQIAP+, narrados com a voz de Juan Calabares, com intuito de fazer excitar, viajar e estimular a mente e o corpo de sua audiência. Os episódios

¹⁵ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3LRXpk9OZYfMvredU8V6TZ?si=1cd3ff1a1fd34a58>> Acesso em 08 de abril de 2022.

¹⁶ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/67V8Phjt54Atm8SzXG8HoV?si=b42fd7c7c219486c>> Acesso em 08 de abril de 2022.

apresentam descrições curtas e títulos que ressaltam experiências sexuais envolvendo homens gays, como os episódios *fodendo o massagista*, *arrombando meu professor* e *fodendo meu ex-patrão*.

No podcast *Dixtrava | Podcast LGBTQIA+¹⁷*, criado em 2020 por Leandro Soares e Marcos Ângelo, por sua vez, os dois amigos gays compartilham assuntos e vivências do cotidiano LGBTQIAPN+ piauiense a partir de seus itinerários de vida, elencando discussões também com pessoas convidadas que potencializam a troca de experiências e reflexões acerca de assuntos relacionados à diversidade.

Figura 06. Três dos 76 podcasts catalogados, com ano de lançamento e suas respectivas propostas.



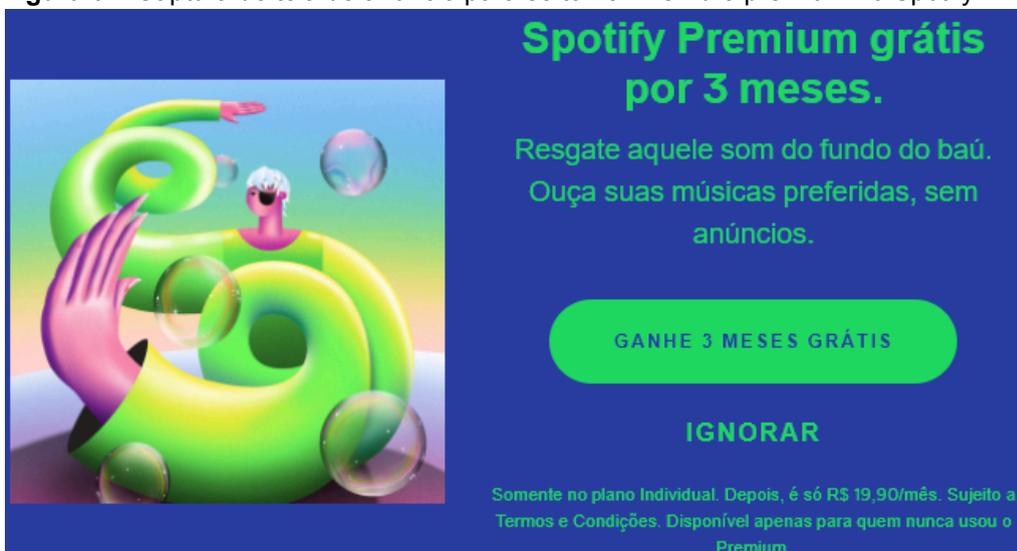
Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Entre uma e outra reprodução de episódios de podcasts, seja para conhecer histórias de vida ou mesmo para estimular a excitação e o gozo, é comum que anúncios de propagandas façam-se presentes na plataforma, tanto entre as reproduções sonoras quanto visualmente. Seus conteúdos remetem às vantagens de pessoas usuárias do Spotify tornarem-se membros *premium* na plataforma, caso estes façam uso da versão gratuita, como é o meu caso; ou mesmo para apresentar outros programas de podcasts desenvolvidos no Spotify. Custa 19,90 por mês para ser uma assinante premium e usufruir das vantagens que usuários free não

¹⁷ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/5MXb8LJ2inipTlbEmLGN7I?si=a2ec4ca219754fb4>> Acesso em 08 de abril de 2022.

possuem: escutar músicas quando estiver offline, não receber anúncios durante as reproduções de músicas e podcasts e trocar de músicas quantas vezes quiser.

Figura 07. Captura de tela de anúncio para se tornar membro premium no Spotify.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Paralelamente aos movimentos de perambulação na plataforma, as leituras sobre pesquisas antropológicas em ambientes digitais convidaram-me a realizar novas experimentações em relação aos meus movimentos e itinerários enquanto pesquisador. Débora Leitão e Laura Gomes (2017) destacam a importância de adotar uma postura reflexiva acerca da posicionalidade e inserção do pesquisador nas plataformas, indo além dos simples registros de conteúdos ou do que é narrado por interlocutores “numa postura reflexiva que incorpora as vivências – emocionais, subjetivas e mesmo corporificadas – do próprio pesquisador nas e com as plataformas, além das observações entre os interlocutores” (LEITÃO E GOMES, 2017. p.23).

Quando iniciei a escrita do projeto de pesquisa, LGBTQIAP+ era um termo em alta e com o qual eu me relacionava como bicha, embora já não possa ser considerado o termo mais inclusivo, já que outros usos mais recentes, como o termo *LGBTQIAPN+*, o N para incluir e dar visibilidade às pessoas não-binárias. Foi pelas minhas relações políticas como gay, que escolhi o descritor de busca para delinear os caminhos da pesquisa que pretendia desenvolver. Durante algumas vezes em que me inclinei ao exercício da escuta nos podcasts, no entanto, me dei conta de

que o termo *LGBT* era utilizado tanto na descrição de episódios quanto na fala de distintas pessoas que participavam de episódios de podcasts, questão atrelada a uma difusão maior do termo aqui no Brasil e consolidada no âmbito dos movimentos organizados, a partir de um histórico de ritualizações democráticas envolvendo associações e organizações não governamentais, Conferências Nacionais, Políticas públicas, etc (FACCHINI; CARMO; LIMA, 2020).

Neste caso, as afetações que emergiram em campo considerando minha escolha pessoal na utilização do termo, a observação da utilização do termo *LGBT* - seja na forma escrita ou oral - por distintas pessoas em podcasts, e as lógicas de mecanismos de buscas próprias do Spotify, me impulsionaram à outras questões: e se eu rastreasse a partir do termo *LGBT*? Seria uma rota de aparecimento diferente?

O período que interpela o rastreio de podcasts a partir do descritor *LGBTQIAP+* e o descritor *LGBT* foi equivalente ao de um mês e dez dias. Este outro movimento de busca resultou em 991 podcasts, dos quais cataloguei 190 produzidos na variação brasileira da língua portuguesa. A linha do tempo dessa nova catalogação desenhou-se da seguinte maneira: 2 podcasts produzidos em 2016, 1 em 2017, 7 em 2018, 23 2019, 72 em 2020 e 85 até 10 de julho de 2021.

Tabela 3. Linha do tempo e quantificação de podcasts *LGBT* encontrados no Spotify, com variação linguística brasileira da língua portuguesa.

Ano	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Podcasts LGBT catalogados	02	01	07	23	72	85

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Em suma, esses dados refletem a expansão das rotas de relações e interesses de diversos atores humanos do Brasil com tecnologias como podcasts. Há uma diferença significativa em relação aos resultados encontrados a partir dos diferentes usos de descritores de busca e esta questão parece ter uma relação maior com a forma como a plataforma agencia os descritores em seus algoritmos, do que com os períodos em que as buscas com os descritores foram realizadas, sendo também necessário considerar os efeitos de uma maior difusão política do termo *LGBT* entre as pessoas nos últimos anos e os efeitos da pandemia na intensificação

da produção e publicação desses podcasts no Spotify, principalmente nos anos de 2020 e 2021.

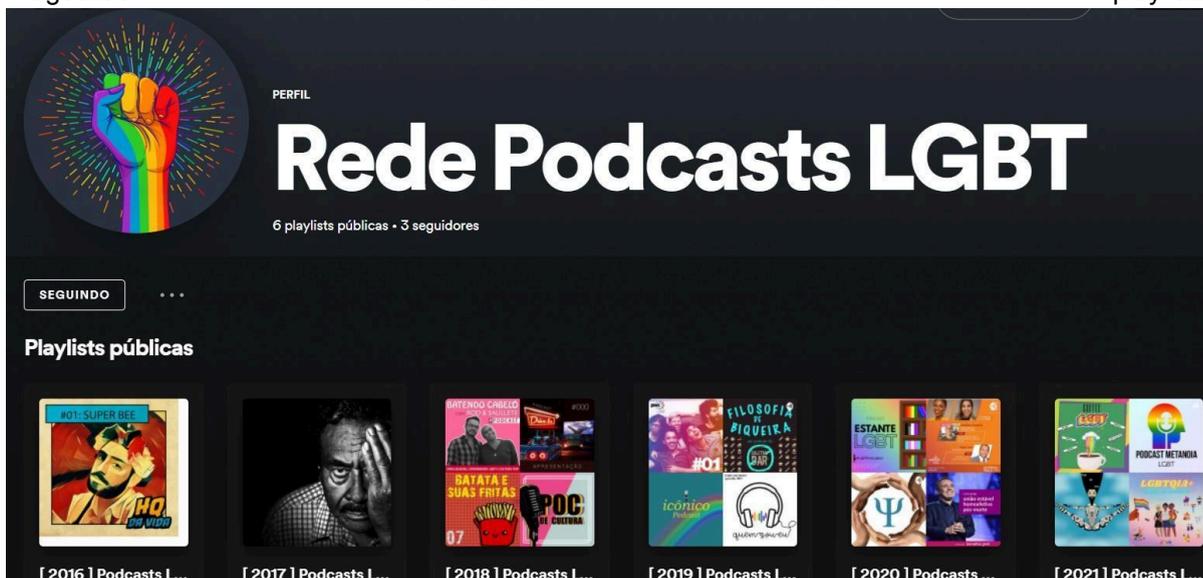
Débora Leitão e Laura Gomes (2017) comentam que os ambientes digitais apresentam-se como campos possíveis de experimentações e possibilidades a partir de suas características próprias. Com a nova catalogação também decidi experimentar um outro movimento metodológico, acionando a criação de um perfil de pesquisador que nomeei como Rede Podcasts LGBT¹⁸. O perfil serviu a mim como um diário de campo digital, ao qual pude recorrer em meus movimentos de idas e vindas para acessar os podcasts mais facilmente enquanto realizava as perambulações no Spotify.

Após a criação do perfil, acrescentei a foto de perfil uma arte digital de uma mão pintada com as cores da bandeira LGBTQIAPN+ que encontrei na internet. Uma das funcionalidades que o Spotify oferece para que seus usuários promovam interações na plataforma é a criação de playlists personalizadas, nas quais os usuários podem inserir músicas e/ou episódios de podcasts que estão compartilhados na plataforma, adicionar um título à playlist, acrescentar uma descrição, adicionar uma foto de capa e escolher se ela será pública ou privada. Caso seja pública, a playlist também poderá ser seguida e compartilhada por outros usuários do Spotify.

Através da criação de playlists cataloguei os 190 podcasts, resultando em seis playlists que foram nomeadas levando em consideração o ano de publicação dos podcasts, sendo 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021. As capas das playlists foram geradas automaticamente pela plataforma, que utilizou imagens de podcasts catalogados em cada playlist para personalizar as respectivas capas.

¹⁸ Rede Podcasts LGBT. Disponível em: <<https://open.spotify.com/user/2o98avl6j88lra92d6jbkwhzf?si=a1b3ddc74aee4615>> Acesso em 07 de abril de 2022.

Figura 08. Captura de tela do perfil Rede Podcasts LGBT no Spotify, apresentando a foto de perfil, nome do perfil, quantidade de playlists públicas criadas, número de seguidores e miniaturas imagéticas identificando as playlists.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Decidi continuar o recorte empírico de análise na rede LGBT, pois esta apresentou um universo maior de programas compartilhados. A partir desse movimento, identifiquei os dois podcasts pioneiros nas rotas de aparecimento das expressões dissidentes, sendo eles o Gaymer Cast¹⁹, que surgiu em 2016 para estimular o debate social em volta dos jogos eletrônicos e cultura pop, com foco na representatividade; e o ReversaCast, que amplia o debate social sobre diversidade em empresas.

3.1. Gaymer cast: recontando histórias, racionalidades e novos modos de ação

O Gaymer Cast foi lançado no Spotify em setembro de 2016 e é o pioneiro dos podcasts com temáticas LGBT na plataforma. O canal surgiu do blog Gayme Over²⁰, que foi criado em 2015 por Angelo Prata e Danilo Kaltner, com o objetivo de produzir conteúdos para o público LGBTQIAPN+ e estimular o debate social em volta dos jogos eletrônicos e cultura pop. Os episódios têm o formato de roda de conversa, geralmente com duas ou três pessoas conversando. Além de habitarem o

¹⁹

Disponível

em:

<<https://open.spotify.com/show/7KVCQrG6CqUSOo1N7m8ewl?si=f90b46fa3b984c5f>> Acesso em 08 de Abril de 2022.

²⁰ Gayme Over Disponível em: <<https://gaymeover.com.br/>> Acesso de 01 de Novembro de 2022.

site e o Spotify, o Gayme Over também encontra-se compartilhando conteúdos em plataformas digitais como Facebook, YouTube, Twitter e Instagram, todos com a intenção de ajudar na desconstrução de tabus relacionados à sexualidade e gênero no universo gamer. As discussões desnaturalizam essas experiências eletrônicas, mostrando que não se trata apenas de entretenimento, mas de um espaço de troca mais amplo envolvendo vivências dissidentes.

No Spotify, o Gaymer Cast já conta com mais de 100 episódios publicados desde 2016 e, dentre alguns os assuntos que já abordou, estão questões como: personagens não-binários no universo nerd; personagens afeminados no mundo nerd; infância viada; masculinidade tóxica nos games; ódio contra personagens femininas; e séries LGBTQIAPN+.

Um exemplo das discussões trazidas no podcast pode ser escutado no episódio 07, sobre homofobia e a indústria dos games, abordando questões como autodescoberta e os silenciamentos das experiências dissidentes nas décadas de 80 e 90. No episódio, Angelo Prata, Danilo Kaltner e Marcus Pereira compartilham suas experiências como gays e incentivam as audiências LGBTQIAPN+ a expandirem suas redes de informações. O apelo é para que os ouvintes que estão “descobrimo sua sexualidade” e “se assumindo” não relacionem as diferenças sexuais a ideias como erro e problema, ideias essas que historicamente foram atreladas as vivências não cis-heteronormativas. No emaranhado de narrativas que recontam as memórias e vivências dos apresentadores, a ênfase nas assimetrias nas relações de pessoas com as mídias convencionais das décadas de 80 e 90 no Brasil são contrastadas com processos de silenciamentos, violências e imagens estereotipadas das expressões de gênero e sexualidade, por vezes ancoradas por discursos regulatórios da binaridade de gênero, de patologização da homossexualidade, de chacota, erro, naturalização de corpos e vergonha da família. Neste episódio, os três envolvidos compartilham como esses processos reverberaram de maneiras distintas suas vidas, elencando a auto aceitação como um processo de autodescoberta enquanto gays.

Nas rotas de aparecimento das experiências de gênero e sexualidade, debatem como a indústria de games também já se posicionou frente às vivências dissidentes no Brasil e no mundo, elencando como esses personagens foram e são

retratados nas narrativas trazidas em jogos eletrônicos. Na década de 90, as indústrias de games eletrônicos ocidentais e orientais tentavam silenciar, invisibilizar e caracterizar as experiências de personagens dissidentes em seus jogos. Essas tentativas de silenciamento, invisibilização e caracterização aconteciam por meio de agenciamentos envolvendo a ridicularização dos personagens ou mesmo trazendo suas performances como piadas, com a intenção de ofender e de estereotipar os personagens. A exemplo disto, relembram o caso envolvendo a personagem Poison, do jogo Final Fight, personagem com identidade de gênero travesti que ficou famosa em jogos de fliperamas, mas que foi transformada em homem na versão americana do jogo, tendo, inclusive, o nome alterado. O corpo de Poison é musculoso e escapa a ideia cristalizada e estereotipada de feminilidade e delicadeza atrelada ao que seriam corpos de mulheres. Na época, a personagem levantava uma questão: como uma mulher poderia estar envolvida com uma gangue de bandidos no game? A Capcom, empresa de jogos eletrônicos, para evitar que o movimento feminista dos EUA levantasse uma imagem negativa do game quando ele fosse lançado no ocidente, respondeu que “ela não era uma mulher de verdade”²¹. Só não sendo uma mulher de verdade, justificaria o fato de Poison fazer parte de uma gangue de bandidos, se envolver em brigas e, também, ser agredida no jogo.

Figura 09. Imagem da personagem Poison no game Final Fight.

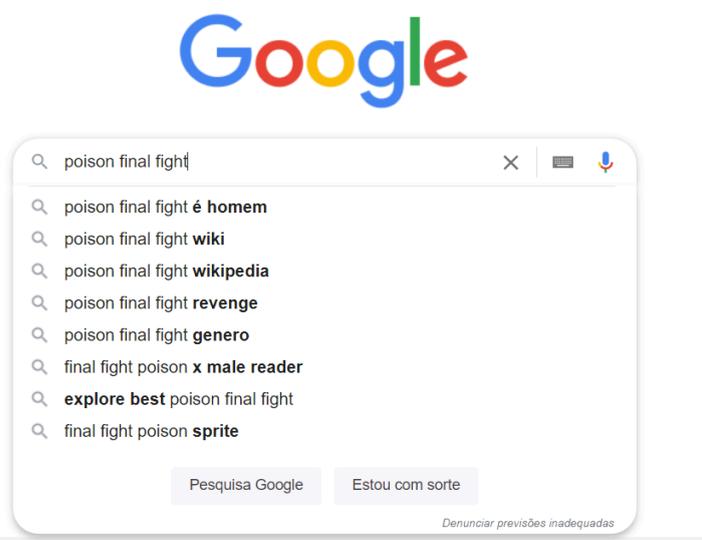


Fonte: Dados da pesquisa (2022)

²¹Poison: qual o mistério por trás da personagem? Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/voxel/especiais/182654-poison-qual-o-misterio-por-tras-da-personagem-.htm>> Acesso em 10 de Abril de 2022.

No Google, quando coloquei o nome da personagem e do jogo, entre os resultados mais buscados sugeridos pela plataforma estão questões relacionadas gênero e sexualidade da personagem: poison final fight é homem; poison final fight gênero; poison final fight x male reader. Essas questões podem ser observadas na figura 11, apresentada logo abaixo.

Figura 10. Busca pelo nome da personagem Poison do jogo final fight e as questões mais recorrentes relacionadas à busca.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os desdobramentos envolvendo as discussões sobre gênero e sexualidade na indústria dos games eletrônicos são cada vez mais importantes e reverberam até os dias atuais. Em contramão à ausência de referências e representações positivas sobre a comunidade LGBTQIAPN+ nas mídias, que sejam produzidas por gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, pansexuais e para pessoas LGBTQIAPN+, iniciativas como a do Gaymer Cast tem promovido rotas de aparecimento para e sobre a comunidade LGBTQIAPN+, alargando as rotas de acesso a discussões envolvendo, principalmente, o debate social sobre representatividade em volta dos jogos eletrônicos.

Se Poison foi tida como uma personagem problemática e pioneira no que tange às questões envolvendo gênero e sexualidade na década de 90 nos jogos eletrônicos, hoje, 30 anos depois, outros jogos já evocam outras rotas de aparecimento envolvendo experiências dissidentes, como o jogo *The Last Of Us 2*,

também comentado no podcast Gaymer Cast, um jogo eletrônico de ação-aventura e sobrevivência desenvolvido pela empresa Naughty Dog e lançado em julho de 2020. Frente a uma indústria estruturada com muito machismo, *The Last Of Us 2* tem no enredo principal Ellie, personagem lésbica²² que marca a representação de mulheres lésbicas em jogos eletrônicos atuais.

As discussões evocadas por *The last Of Us 2* foram muitas, algumas também semelhantes ao caso da personagem Poison. O game recebeu muitos comentários preconceituosos na internet, bem como foi censurado em alguns países árabes, no entanto, a aceitação do game e as repercussões positivas também foram enormes, o que rendeu mais de 4 milhões de cópias para a Sony no primeiro final de semana de lançamento. *The Last Of Us 2* se diferencia também de outros jogos de luta por ter mulheres fortes e decididas protagonizando o jogo e por não percorrer rotas de estereótipos e padrões de sexualização em personagens mulheres cis, questão ainda muito recorrente nos jogos eletrônicos.

Figura 11. Ellie e Dina contracenam casal lésbico em *The Last Of Us 2*.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

²² The Last of Us - parte 2 - Representatividade. Disponível em: <<https://blog.guia.lgbt/the-last-of-us-parte-2-representatividade/>> Acesso em 08 de Abril de 2022.

3.2. Diversidade em empresas: o podcast reversa cast | vida LGBT & diversidade

Também pioneiro no compartilhamento de narrativas LGBTQIAPN+, está o podcast Reversa Cast | vida LGBT & diversidade, de Maira Reis, jornalista brasileira que compartilha conteúdos sobre diversidade na internet, em em empresas e em plataformas como o Spotify e o LinkedIn.

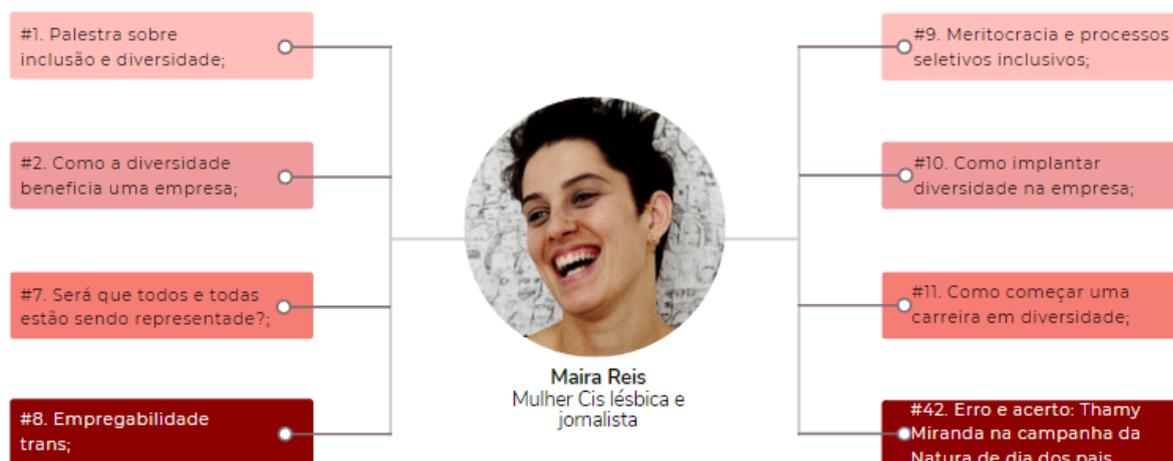
Também quero desmistificar algumas coisas sobre o universo da diversidade dentro de empresas e na sociedade. Porque eu acho que a diversidade deu um *boom* aí e já existe há muito tempo, desde que a gente é ser humano.

O podcast conta com mais de 60 conteúdos sonoros compartilhados entre 2017 e 2022. Variando em relação à durabilidade dos episódios, que oferecem desde conteúdos que possuem menos de 4 minutos a conteúdos com mais de uma hora de duração, a primeira narrativa sonora do canal foi lançada em novembro de 2017, abordando como tema o caso de racismo envolvendo o jornalista brasileiro William Waack. Na época apresentador de um dos jornais mais importantes da rede Globo de televisão, o Jornal da Globo, o jornalista teve um vídeo seu circulando na internet, em que durante sua passagem por Washington para cobrir o pleito que elegeu Donald Trump à presidência, fez um comentário racista durante uma entrevista que estava realizando: “Tá buzinando por quê, seu merda do cacete? Não vou nem falar, porque eu sei quem é... é preto. É coisa de preto!“. Com este caso, Maira se pergunta o que acontece quando um jornalista de uma grande emissora nacional faz esse tipo de comentário? Além disso, Maira ressalta que veículos nacionais de informação, como a revista Veja e a Rede Tv, na época veicularam notícias defendendo o direito de opinião de um jornalista. Ressaltando ser uma mulher branca e cis, a jornalista enfatiza a dificuldade que sente em falar de questões raciais, mas que não tem como negar que ele disse uma frase racista.

A partir desse caso, ela propõe algumas reflexões sobre o cotidiano coletivo das pessoas, sobre as falas, como falamos e o que estamos fazendo para impactar outras pessoas. Em relação aos conteúdos direcionados para empresas, estão palestras que falam sobre problemas da heterossexualidade compulsória na

empresa, como a diversidade beneficia uma empresa, dicionário LGBT, empregabilidade trans, mês da visibilidade lésbica, e o que pessoas hétero e cis podem fazer em casos de LGBTfobia no trabalho.

Figura 12. Algumas pautas abordadas no podcast Reversa Cast | vida LGBT & diversidade.



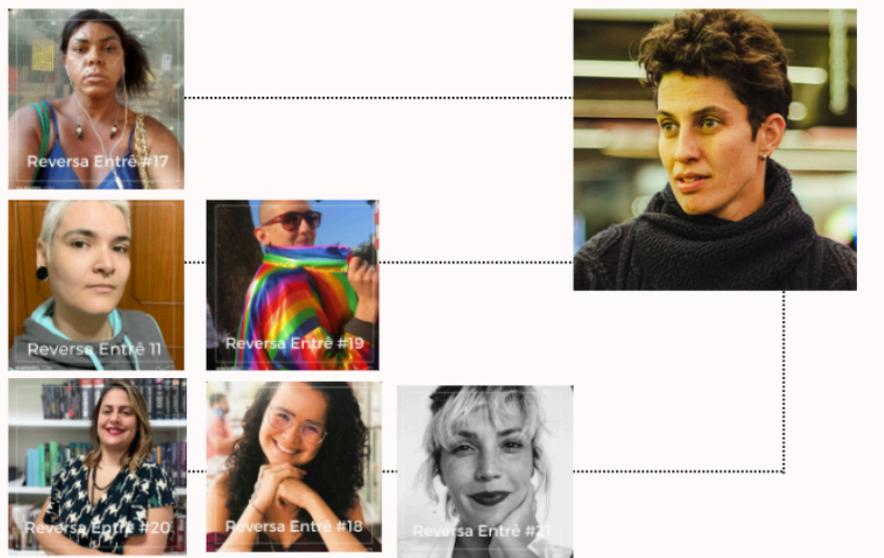
Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Além dos conteúdos que compartilha no Spotify, Maira também tem um projeto chamado Reversa Magazine, com sua namorada, o qual tem como objetivo elucidar projetos de cultura LGBTQIAPN+ feitos por artistas LGBTQIAPN+ e para todas as pessoas, acreditando que a cultura é um veículo para diminuir preconceitos como LGBTQIAPN+fobia. Em síntese, partindo da contextualização de que experiências lésbicas e bissexuais são constantemente apagadas e silenciadas nas organizações e relações de trabalho, pode-se dizer que o Reversa Cast, abre espaço para falar sobre diversidade nas organizações e nas relações de trabalho, dando visibilidade, principalmente, ao alargamento de discussões e do protagonismo de mulheres lésbicas nos espaços sociais, nas empresas e nas relações de trabalho, tudo isso a partir de entrevistas, palestras, seminários e rodas de conversas compartilhadas na internet e desenvolvidas em empresas, com foco na diversidade, inclusão e respeito nas empresas.

Ano passado eu fiz um monte de lives e podcasts com mulheres lésbicas, e assim, tanto cisgêneras quanto trans. Então falei sobre lésbicas empreendendo, direito LGBTQIA+ dentro de empresas, a mudança, também, de uma menina lésbica que foi pra os Estados Unidos. Falei também sobre mulher trans negra, lesbianidade de uma mulher trans, travesti, maternidade lésbica, enfim. Tem um monte de

podcasts que você pode aprofundar nas pautas e demandas da comunidade²³.

Figura 13. Montagem com fotos de Maira Reis e algumas de suas interlocutoras, feita com as fotos personalizadas dos perfis dos episódios compartilhados no Reversa Cast | vida LGBT & diversidade.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

3.3. Dilemas de pesquisa no spotify: sumiços, descontinuidades no compartilhamento de podcasts LGBT e condições de feitura

Catalogar a pesquisa em playlists trouxe a mim experiências distintas na medida em que eu acessava os podcasts e me colocava para escutá-los. De maneira singular e relacional, as experiências sonoras e visuais foram fazendo surgir novas questões para as minhas perambulações. Uma questão que surgiu está relacionada ao sumiço de podcasts catalogados nas playlists. Embora eu tenha realizado a catalogação de 190 podcasts em 10 e julho de 2021 e os distribuído em 6 playlists na própria plataforma, quando dei continuidade aos movimentos de análise desses podcasts em 2022, a quantificação mudou. Mesmo que as playlists ao serem acessadas ainda apontem para dois podcasts catalogados em 2016, 23 podcasts catalogados em 2019, 72 em 2020 e 85 em 2021, só é possível encontrar um podcast na playlist de 2016, 22 podcasts na playlist de 2019, 67 na playlist de 2020 e 84 na playlist de 2021. Penso que estas questões podem estar relacionadas

²³ Empresas e a visibilidade lésbica: o que você pode fazer agora por nós. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7mmB72OjZyrsrwmBNZW4j7?si=6a4c2f40405e4abc>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

a algum problema coma ferramenta de criação das playlists no Spotify, por questões que envolvam as polítics de uso do ambiente, ou mesmo a possibilidade desses 7 episódios de podcasts, que aparentemente sumiram, terem sido desativados pelos seus criadores.

Para dialogar com essas hipóteses, trago como exemplo o podcast Doutora Drag²⁴, que foi lançado como HQ da vida, virou Hora Queer e atualmente desenvolve o programa Doutora Drag. Lançado em agosto de 2016 com o objetivo de contar histórias LGBTQIAPN+, seu formato mescla discussões e entrevistas com pessoas convidadas, sendo apresentado por Dimitra Vulcana, Drag Queen, Produtora de conteúdo, Marxista, Professora e Doutora em ciências da saúde. Desde 2016, o canal já publicou mais de 200 episódios, abordando discussões no cenário nacional brasileiro sobre política e pautas de gênero, sexualidade, raça, cor e classe numa perspectiva anticapitalista. Os episódios do podcast variam muito em relação a durabilidade, sendo possível escutar episódios mais curtos, de 7 minutos de duração, a episódios mais longos, que chegam a ultrapassar 130 minutos de duração. Além disso, o podcast faz parte da rede FIO, Coletivo de Ativistas de Vozes que se reúne na podosfera em prol de garantir o direito de catalisar vozes progressistas por meio da diversidade de pautas e histórias. O Doutora Drag foi o único dos podcasts cujo submisso consegui identificar, porque ele foi lançado em 2016 e fez parte dos primeiros podcasts analisados, fator que me possibilitou identificar seu sumiço na playlist de 2016. O podcast Doutora Drag não foi desativado, segue compartilhando seus conteúdos no Spotify em 2022, no entanto, o primeiro episódio publicado pelo canal, o qual eu havia utilizado na catalogação, não se encontra mais disponível, o que pode sugerir que tenha sido desativado por Dimitra Vulcana ou pela plataforma.

Um outro questionamento durante este momento da pesquisa esteve relacionado à ideia de questionar o porquê de alguns podcasts terem parado de compartilhar suas narrativas, que surgiu a partir das análises na playlist de 2018. Dos sete podcasts que foram catalogados, apenas dois continuam compartilhando seus conteúdos em 2022, o podcast Larvas Incendiadas²⁵, um podcast de

²⁴ Doutora Drag. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2dAReUcmAoXxwcDoLeWSoy?si=a07f7398f832411c>> Acesso em 08 de Abril de 2022.

²⁵ Larvas Incendiadas. Disponível em: <<https://1nk.dev/d0JwD>> Acesso em 16 de abril de 2022.

divulgação científica de estudos de gênero e sexualidade, apresentado por Thiago Coacci, que é doutor em Ciência Política pela UFMG, pesquisador do NEPEM²⁶ (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher), e que a cada quinze dias entrevista um pesquisador ou pesquisadora sobre seus trabalhos recentes, como uma maneira de divulgar esses trabalhos para além dos muros da universidade; e o podcast Batata e suas fritas²⁷, um coletivo de mais de 20 pessoas que tem como objetivo reunir os amigos para se desconstruir socialmente, além de conversar sobre o melhor do mundo geek e da cultura pop do presente e do passado, a partir da vivências de pessoas LGBTQIAPN+.

Alguns dos podcasts catalogados na playlist de 2018, e que tinham como proposta a continuidade dos compartilhamentos, pararam de compartilhar conteúdos, como o Zone Cast, uma extensão do canal Vinni Zone no Youtube, apresentado pelo criador de conteúdo Vinni Amaro e pelo cantor Gustavo Goulartl, que se propôs a discutir cultura pop, entretenimento, vida LGBT e Britney Spears; Batendo cabelo com Rod e Saullete, em que Rodrigo e Saulo conversam sobre suas impressões acerca do reality RuPaul's Drag Race, drag queens, comunidade LGBT e cultura pop; Festival Mix Brasil, o podcast do Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, que apresenta novas possibilidades de expressão para a comunidade LGBTQIAPN+, livre de preconceitos, expandindo a compreensão, promovendo a cidadania e combatendo toda forma de discriminação; e o Podcast Drive in, com Guilherme Abreu e Renan Martin, que é voltado para discutir diversidade, cotidiano e cultura pop.

²⁶ NEPEM. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/nepem/>> Acesso em 16 de abril de 2022.

²⁷ Batatas e suas fritas. Disponível em: <<https://l1nk.dev/umXgk>> Acesso em 16 de abril de 2022.

Figura 14. Os podcasts Zone Cast, Batendo cabelo com Rod e Saullete, Festival Mix Brasil e Drive in, catalogados na playlist de 2018, com identificação das datas dos últimos episódios compartilhados por cada um.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nesta mesma playlist, o podcast POC de cultura, com quatro pocs (Caco Baptista, Filipe Bortolotto, José Melo e Hilário Júnior) que falam sobre a vida, dores e amores da comunidade LGBTQIAP+, anunciou no episódio 161, lançado em 6 de abril de 2022, que estaria entrando em hiato. É interessante refletir que tanto as descontinuidades no compartilhamento de episódios de podcasts, como o anúncio de hiato de podcasts como o POC de Cultura possibilitam problematizar as condições de feitura e as intenções agenciadas na criação e compartilhamento dos podcasts, porque esses elementos também foram observados em podcasts catalogados nas playlists de 2019, 2020 e 2021 e que tinham a continuidade como proposta e intenção.

Alguns desses fatores remetem às condições de feitura e podem ser identificados até mesmo escutando os episódios, quando pessoas que criam os conteúdos ressaltam indisponibilidade de tempo para criar (escrever roteiros e gravar), editar (através de manipulações nos sons e imagens, como o uso de vinhetas, ajustes nos volumes dos sons, inserção de músicas, a estruturação da narrativa sonora e até mesmo na criação de capas personalizadas) e compartilhar os conteúdos na internet sozinhas e no período proposto (seja semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente), a dificuldade em conciliar agendas comuns entre

as pessoas integrantes de podcasts coletivos ou mesmo na qualidade dos dispositivos tecnológicos que possuem para produzir os podcasts e disponibilizá-los na internet. Esses podcasts são produzidos, em sua maioria, de forma independente, e embora sejam mídias consideradas de fácil acesso e circulação entre as pessoas ouvintes, produzi-los e compartilhá-los na internet requer investimento de tempo e, também, dinheiro pelos seus criadores.

Para melhorar a qualidade dos conteúdos produzidos em podcasts independentes, é necessário romper as dificuldades econômicas que incidem sobre essas relações. Neste sentido, uma via que tem sido utilizada para alargar as condições econômicas da produção dos podcasts tem sido a realização de campanhas de financiamento coletivo, em que ouvintes dos podcasts podem colaborar financeiramente e mensalmente para o crescimento do canal, fazendo doações através de campanhas como vaquinhas coletivas²⁸. Neste caso, as vaquinhas para financiamento nos canais podem aparecer tanto na fala das pessoas durante os episódios dos podcasts, quanto por meio de links disponibilizados para acesso nas descrições dos episódios.

As propostas de compartilhamento no Spotify não necessariamente possuem a continuidade como elemento central de ação. Em 2020, começaram a surgir no Spotify podcasts com temáticas dissidentes que não tinham o elemento de continuidade como proposta, como no caso de alguns podcasts com formatos de trabalhos escolares e acadêmicos, audio series, projetos de grupos e de empresas. Foi a partir dessas outras propostas e feitura no Spotify que também começaram a aparecer com mais evidência nessa rede podcasts que não necessariamente foram produzidos por pessoas LGBTQIAPN+, mas produzidos para falar sobre essas pessoas.

Estes diversos formatos e propostas refletem a heterogeneidade da rede no Spotify e como ela tem sido coproduzida com o passar dos anos. A partir das escutas e da identificação das propostas dos podcasts, enquadrei as produções em 4 rotas de aparecimento nas quais é possível relacionar e localizar os podcasts: Coletivos e organizações sociais; Religiões, religiosidades e espiritualidade; Podcasts escolares e acadêmicos; e Cultura pop, vivências e cotidianos LGBT. Em

²⁸ O @Foradomeio | Podcast LGBTQIA+, realiza campanhas de financiamento coletivo para conseguir manter o canal. Disponível em: <<https://l1nk.dev/RB9gg>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

síntese, o que essas rotas de aparecimento possuem em comum é o fato de que todas empenham-se em seus agenciamentos e negociações, a construir e disseminar informações, cotidianos, experiências, vivências, reflexões e narrativas que possuem como intersecção as experiências de pessoas dissidentes no Brasil e no mundo. Esses movimentos reverberam nos deslocamentos nos processos de compartilhamento e acesso a essas experiências, bem como nos processos de subjetivação e elaboração de experiências dissidentes a partir das relações que pessoas desenvolvem com essas tecnologias, já que esses outros modos de ação reinscrevem nos e com os podcasts os lugares sociais em que experiências envolvendo expressões de gênero e sexualidade aparecem.

4. ROTAS DE APARECIMENTO NO SPOTIFY: PERFORMATIVIDADES E CIBERATIVISMOS NA REDE LGBT

No capítulo anterior apresentei os resultados das perambulações investigando podcasts nas rotas “LGBTQIAP+” e “LGBT” produzidos na variação brasileira da língua portuguesa. O germinar de questões em campo fez-me adotar uma postura reflexiva acerca da minha posicionalidade e inserção nas plataformas como pesquisador, o que incidiu em meus movimentos de buscas e resultou no encontro com duas redes de aparecimento da comunidade, sendo a rede LGBTQIAP+, com 76 podcasts e a rede LGBT, com 190.

De modo geral, os dados refletem que a expansão das rotas, caracterizada pelo aumento das redes de aparecimento se intensificou entre os anos de 2020 e 2021, períodos atravessados pelo início da crise da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo. Falando sobre como a performatividade de gênero implica em campos de aparecimento, Butler (2018; p.46) ressalta que:

A performatividade de gênero presume um campo de aparecimento no qual o gênero aparece, e um esquema de condição de conhecimento dentro do qual o gênero se mostra das maneiras que se mostrar; e uma vez que o campo de aparecimento é regulado por normas de reconhecimento que são hierárquicas e excludentes, a performatividade de gênero está assim ligada às formas diferenciais por meio das quais sujeitos se tornam passíveis de conhecimento. Reconhecer um gênero depende fundamentalmente da existência de

um modo de apresentação para aquele gênero, uma condição para seu aparecimento.

Neste capítulo, apresento as produções em 4 rotas de aparecimento nas quais foi possível relacionar e localizar os podcasts: Coletivos e organizações sociais; Religiões, religiosidades e espiritualidade; Podcasts escolares e acadêmicos; e Cultura pop, vivências e cotidianos LGBT. Em síntese, pode-se dizer que as 4 rotas de aparecimento movimentam essas questões de lugares e maneiras distintas, aglutinando uma rede de pessoas em torno de discussões comuns à comunidade LGBTQIAPN+.

4.1. As rotas coletivos e organizações sociais e religiões, religiosidades e espiritualidade

As rotas *Coletivos e organizações sociais* e *Religiões, religiosidades e espiritualidade*, foram aquelas em que houve menos movimentações e propostas de continuidades em seus compartilhamentos de podcasts. Essas rotas são, de maneira geral, caracterizadas pelas ações de coletivos e pessoas promovendo debates sociais sobre a comunidade LGBTQIAPN+ a partir de perspectivas mais inclusivas e que promovam a valorização da diversidade em espaços importantes da sociedade. Enquadram-se na rota *Coletivos e organizações Sociais*, ações e articulações desenvolvidas por coletivos e organizações sociais no Brasil, como os podcasts @Mães conversam²⁹, @Somos sementes³⁰, @Filosofia de biqueira³¹, @Parada virtual do Orgulho LGBTQIA+-BH³², @Passagem só de ida³³ e @Instituto temporário de Pesquisa sobre Censura / Orgulho e Resistências³⁴. São podcasts com poucos conteúdos compartilhados e, embora também sejam produzidos por pessoas dissidentes, as pessoas que produzem movimentações nesta rota não são necessariamente LGBTQIAPN+, mas pessoas que, a partir de seus vínculos com

²⁹Mães conversam. Disponível em: <<https://11nk.dev/Q67in>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

³⁰Somos Sementes. Disponível em: <<https://11nk.dev/UZMYe>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

³¹Filosofia de biqueira. Disponível em: <<https://acesse.one/CCtld>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

³² Parada virtual do Orgulho LGBTQIA+-BH. Disponível em: <<https://11nk.dev/rMMhw>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

³³ Passagem só de ida. Disponível em: <<https://acesse.one/p3vac>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

³⁴ Instituto temporário de Pesquisa sobre Censura / Orgulho e Resistências. Disponível em: <<https://11nk.dev/3yhux>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

peças da comunidade, somaram-se às alianças para promover políticas de aparecimento acerca de questões relacionadas a comunidade LGBTQIAPN+.

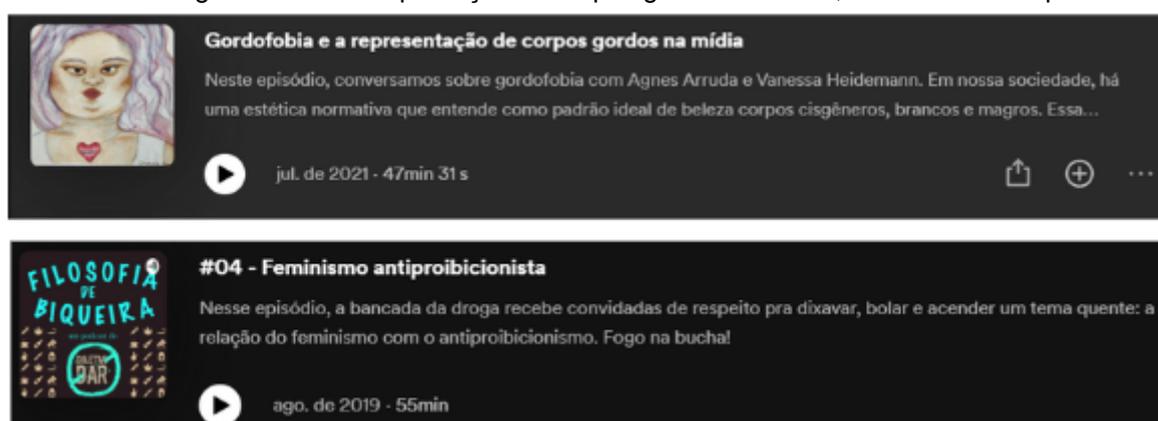
É o exemplo do podcast @Mãesconversam, da Organização Não-Governamental Mães pela Diversidade³⁵, uma organização independente, presente em 23 estados do Brasil e criada em 2014 por mães preocupadas com a violência e com o preconceito contra seus filhos e filhas LGBTQIAPN+. O podcast @Mães Conversam é apresentado por Renata dos Anjos, Coordenadora Estadual do Mães Conversam do Rio Grande do Sul. Com três episódios, parte da valorização dos relatos de experiências de profissionais, que compartilham como tem sido trabalhar com perspectivas mais inclusivas e preparadas para a diversidade em seus ambientes de trabalho. Nos episódios, Renata conversa com Marcelo Silva, um homem gay, que é coordenador pedagógico do Centro Integrado de Desenvolvimento de Porto Alegre, uma escola que prepara crianças para a diversidade; Filipe Roloff, um homem gay, eleito um dos 50 futuros líderes LGBT mais influentes do mundo pelo jornal Financial Times, que trabalha com diversidade e inclusão nas organizações há mais de 7 anos; e Simone Ávila, Fisioterapeuta e Doutora em Ciências Humanas na área de Estudos de Gênero pela Universidade Federal de Santa Catarina, que trabalha na área de Saúde Integral LGBTQIAPN+, na rede de atenção primária da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Em suma, os debates sociais promovidos pelo @Mães conversam potencializam o aparecimento das questões a partir de experiências de profissionais que estão se engajando em perspectivas mais inclusivas e para a diversidade nas áreas de educação, saúde e em empresas, além dos relatos de mães, como Renata, que possuem filhas e filhos LGBTQIAPN+ aqui no Brasil.

De maneira geral, os debates que se localizam nesta rota dão visibilidade a temáticas comumente silenciadas e tomadas como tabu socialmente, criando novos vínculos que ligam pessoas às lutas pelos direitos, pela inclusão e pelo respeito à diversidade. Nesta perspectiva, as lutas por visibilidade política em diferentes esferas dos contextos coletivos são reivindicadas, tomando os fenômenos de silenciamento e apagamento das experiências dissidentes como espaços catalisadores de ações e resistências. É nestes modos de ação que temáticas como

³⁵ Mães pela diversidade. Disponível em: <<https://maespeladiversidade.org.br/>> Acesso em 30 de Outubro de 2022.

as memórias e resistências LGBTQIAPN+ na ditadura são transformadas em projetos e compartilhadas na internet, que coletivos antiproibicionistas e antiLGBTfóbicos vão promover debates sobre feminismos, uso de substâncias e redução de danos, que é possível acompanhar projetos sobre os processos de deslocamentos físicos e subjetivos que levaram pessoas dissidentes a migrarem para São Paulo, e que as lutas de coletivos feministas promovem o aparecimento das pautas feministas para pessoas iniciantes no assunto.

Figura 15. Episódios compartilhados pelos coletivos Somos Sementes e Filosofia de Biqueira, com temáticas sobre gordofobia e a reprodução de corpos gordos na mídia, e feminismo antiproibicionista.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A segunda rota aparecimento é a *Religiões, religiosidades e espiritualidade*, caracterizada, de maneira geral, pelo aparecimento de debates envolvendo, exclusivamente, as relações entre pessoas dissidentes e religiões. Pode-se dizer que as poucas propostas nesta rota são parecidas em relação aos formatos, que variam em entrevistas, leituras de evangelhos e leituras de respostas de pessoas sobre ser LGBT e cristão. Embora existam propostas que intencionam dar continuidade aos compartilhamentos, esses podcasts possuem poucos conteúdos compartilhados e sem fluxos novos de compartilhamentos. Estão nesta rota os podcasts Papo Queer³⁶, LBT e cristão³⁷, Diversidade Católica Campinas³⁸,

³⁶ Papo Queer. Disponível em: <<https://11nk.dev/Gp2kQ>> Acesso em 02 de Novembro de 2022.

³⁷ LBT e cristão. Disponível em: <<https://11nk.dev/eRhGq>> Acesso em 02 de Novembro de 2022.

³⁸ Diversidade Católica Campinas. Disponível em: <<https://acesse.one/4SSlq>> Acesso em 02 de Novembro de 2022.

Evangelho do coletivo girassóis: espíritas pelo bem comum³⁹ e O convite⁴⁰. Embora o podcast *@evangelho do Coletivo Girassóis: espíritas pelo bem comum*, esteja localizado nesta rota, vale destacar que este não é um podcast destinado a promover o aparecimento das expressões de gênero e sexualidade, mas que, às quartas-feiras, compartilha leituras do evangelho e preces direcionadas para pessoas que sofrem discriminações, como mulheres, negros, pessoas em situação de rua, LGBTQIAPN+, indígenas e demais pessoas. É reflexo do que o algoritmo da plataforma compreende como LGBT, devido a inclusão da palavra nas descrições das postagens e na descrição do podcast, como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 16. Montagem feita com capturas de tela da descrição do perfil do Coletivo Girassóis, do episódio do dia 26 de outubro de 2022 e da descrição do episódio.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nesta mesma rota, o podcast *O convite*, apresentado por Jonathan Monteiro, propõe conversas sobre religião, dissidências e outros assuntos importantes para a comunidade cristã. O podcast conta com desabafos de histórias de seguidores, narradas por Jonathan e entrevistas com pessoas convidadas para discutir temáticas que ligam vivências LGBTQIAPN+ e vivências cristãs. É possível encontrar episódios que relatam a experiência de pessoas que foram conduzidas a

³⁹Evangelho do coletivo girassóis: espíritas pelo bem comum <https://acesse.one/d3fqW>> Acesso em 02 de Novembro de 2022.

⁴⁰O convite. Disponível em: <<https://acesse.one/0XnUe>> Acesso em 02 de Novembro de 2022.

deixar a igreja devido a orientação sexual não heterossexual; entrevistas com pessoas como Luciano Santana, bacharel em Teologia, especialista em Docência em História, Filosofia e Teologia, mestrando em Cultura e Sociedade (UFBA), professor da Faculdade Batista Brasileira e então pastor da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador, falando sobre igreja afirmativa inclusiva; e a entrevista com Rafael Rodrigues, estudante de ciências sociais pela UFPE, que contou sua experiência de autodescoberta como gay sendo adventista do sétimo dia.

Além de propostas que contemplam as políticas de aparecimento por meio da realização de entrevistas e bate-papos com pessoas dissidentes que são cristãs e pessoas que estudam as relações entre diversidade, gênero e sexualidade, como nos podcasts Diversidade Católica Campinas e Papo Queer, é possível encontrar propostas como a de Matheus William, um jovem gay de 16 anos que utiliza as redes sociais para movimentar debates relacionados aos desafios enfrentados pela comunidade LGBT no meio religioso. É o criador do podcast LGBT e Cristão, lançado em 2019 e com apenas um único episódio. Nele, Matheus lê respostas de pessoas que interagiram com ele em plataformas como o Facebook e o Instagram acerca da pergunta “É possível ser LGBT e cristão ao mesmo tempo?”. No emaranhado das respostas lidas por Matheus, que também vai expressando suas opiniões, duas mensagens de seus interlocutores chamaram minha atenção: a primeira, sobre repensar o quanto vale a pena pertencer a uma religião que condena a pessoa LGBT, devido a sobrecarga de sofrimento psíquico que isso pode acarretar na pessoa, pois viver com cristo e no pecado não seria algo possível; a segunda é a resposta de um padre à pergunta de Matheus, que o escreve:

Creio que sim, uma coisa não anula a outra. O problema é a falta de conhecimento de várias lideranças religiosas para tratar a questão. Bom, em minha experiência de vida, e hoje, no sacerdócio, foi muito difícil saber conciliar as duas coisas. Mas a fé e a sexualidade são fatores humanos totalmente naturais. A fé não pode suprimir a sexualidade, assim como a sexualidade não pode suprimir a fé. Lido com a questão com a maior naturalidade. Deus não ama ela pela sua sexualidade, ama pela sua essência enquanto ser humano... Afinal, Deus não faz acepção de pessoas.

No contexto das respostas, ser uma pessoa da comunidade LGBTQIAPN+ e conseguir desenvolver a espiritualidade e a fé a partir das relações com religiões no

Brasil nem sempre é um movimento possível, mas constantemente marcado por processos dolorosos. Isso porque são muito recorrentes relatos negativos de pessoas dissidentes sobre suas experiências e relações com determinadas religiões, devido à intolerância com a diversidade de orientações sexuais e de gênero nesses ambientes. Essas tensões são evocadas por agenciamentos envolvendo a demonização e a manutenção da ideia de pecado para expressões da sexualidade e de relações que fujam a cisheteronormatividade. Por isso, é preciso ampliar o conhecimento inclusivo e para a diversidade a nível de lideranças religiosas, como também ampliar esses debates a partir de ações como a criação de grupos dissidentes em espaços religiosos, a exemplo do grupo Diversidade Católica Campinas, um grupo de acolhimento pastoral formado por pessoas católicas LGBTQIAPN+ da região de São Paulo.

4.2. Rotas de aparecimento em podcasts escolares e acadêmicos

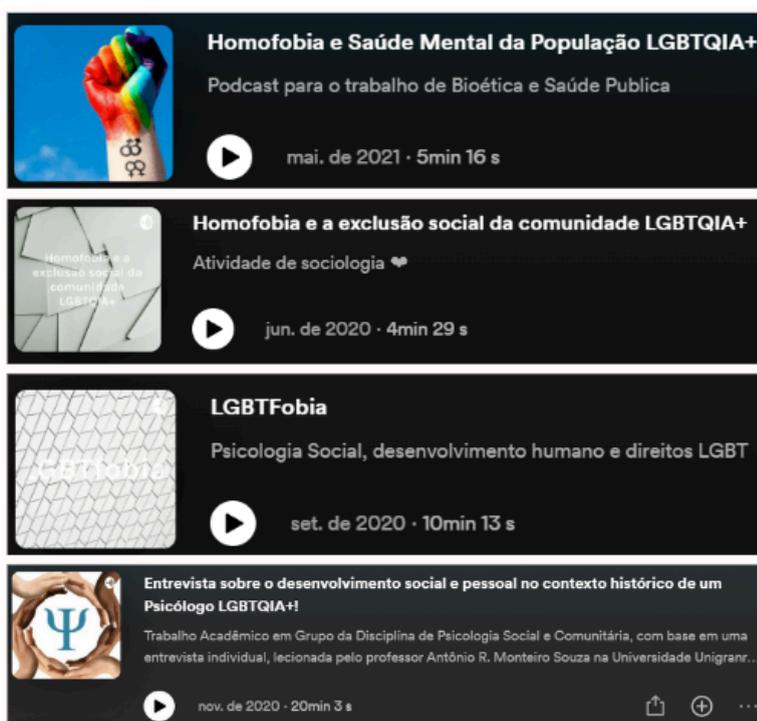
Esta rota é caracterizada pela produção de podcasts por estudantes e docentes de escolas, faculdades e universidades do Brasil. Este formato de trabalho começa a aparecer na rede em 2018, com o podcast Larvas Incendiadas, podcast de divulgação científica produzido por Thiago Coacci, com o objetivo de divulgar e discutir a produção contemporânea de gênero e sexualidade nas ciências humanas para além dos muros da universidade.

Olá, eu sou o Thiago Coacci e esse é o Larvas incendiadas. Um podcast de divulgação dos estudos de gênero e sexualidade. A cada quinze dias, traremos um episódio novo, sempre conversando com pesquisadores e pesquisadoras, dos mais variados estágios da vida acadêmica, para divulgar suas pesquisas. No Brasil, os estudos de gênero e sexualidade já se consolidaram. Possuímos grandes eventos nacionais, periódicos bem avaliados e pesquisadores com renome internacional. Meu objetivo com esse podcast é comunicar essa rica produção de conhecimento para além dos muros da universidade, dos artigos e livros acadêmicos. É mais uma forma de exercitar a função pública da ciência, mas quero também que seja uma forma de nos conectar e criar laços⁴¹.

⁴¹ #01. Tatiana Lionço - Contra a Má Fé (Larvas Incendiadas) Disponível em:<<https://open.spotify.com/episode/39AF3ey8yktZMxuA6EXdQU?si=21ff5b62b1c840e9>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

Embora a rota tenha iniciado em 2018 com o Larvas Incendiadas, é em 2020 que ela se intensifica, período em que vivenciamos o início do *boom* da pandemia da COVID-19 no Brasil. Boa parte dos podcasts desse período são resultados de trabalhos avaliativos em disciplinas, como veremos na figura abaixo, que vão desde sociologia, geografia e filosofia, cursadas no Ensino Médio, a disciplinas mais específicas como psicologia social e comunitária, psicopatologia especial, bioética e saúde pública, tópicos integradores III, epidemiologia social, e tecnologias digitais, em cursos de graduação e pós-graduação de áreas como direito, psicologia, enfermagem, medicina, comunicação social - rádio, tv e internet, e o Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Minas Gerais.

Figura 17. Identificação das áreas disciplinares de alguns podcasts concentrados na rota de podcasts escolares e acadêmicos.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Estes trabalhos também são frutos do que o algoritmo da plataforma compreende como conteúdo LGBT, devido à inclusão do termo nas descrições dos perfis, nos títulos dos episódios e na descrição dos episódios dos podcasts. Em síntese, os podcasts que começaram a surgir nessa rota, no período de 2020, refletem o uso esporádico dessa ferramenta para finalidades acadêmicas,

principalmente durante o período da pandemia, apresentando poucos episódios, sem pretensão de continuidade e sem que necessariamente sejam produzidos por pessoas dissidentes, mas por futuros profissionais que atuarão em campos disciplinares em que as experiências de gênero, sexualidade e etnia, devam ser compreendidas a partir de um compromisso ético e político.

Realizando um apanhado geral apenas dos títulos dos podcasts que se localizam nesta rota, não é difícil de notar que as rotas políticas em que o aparecimento de experiências dissidentes estão relacionadas majoritariamente à violência contra comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil, como é possível observar no quadro abaixo, que identifica os títulos desses podcasts.

Tabela 4. Títulos dos podcasts escolares e acadêmicos encontrados na rede LGBT.

Podcasts escolares e acadêmicos
<p>@Entrevista sobre o desenvolvimento pessoal no contexto histórico de um psicólogo LGBTQIA+, @Homofobia e a exclusão social da comunidade LGBTQIA+, @Movimento LGBTQ+, @LGBTfobia, @Contra o Estigma, @LGBTTransnacional, @A inclusão do público LGBTQI+ nas empresas, @Reprodução assistida LGBT, @LiceuCAst, @Violência contra a comunidade lgbt, @Saundersidade, @Podcast de gênero, @Colocação, @(in)visíveis podcast, @LGBTQIA+ e desafios na atualidade, @Preconceito contra pessoas LGBTQIA+ no mercado de trabalho, @LGBTfobia, @LGBTFOBIA, @Homofobia e saúde mental da população LGBTQIA+, @a violência LGBTQIA+fobica no Brasil, @movimentos de minoria (lgbtqia+), @violência contra LGBTs, @violência LGBT - by Sarah Stonoga, @violência contra a população LGBT, @LGBTQ+, @violência contra a população LGBTQIA+, @violência contra a população LGBT, @violência contra a população lgbtqi, @selfqueer, @acolhe podcast, @saúdeXpopulação LGBT, @Bate papo com Rodrigues, @Afirmativas Ufopa, @Sexualidades encarceradas, @Violência Contra a população LGBTQI+, @Unidos pelo enfrentamento da violência contra LGBTQI+, @Direitos LGBT.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Enquanto em alguns podcasts estudantes realizam entrevistas com pessoas da comunidade ou profissionais que estudam questões envolvendo experiências dissidentes, em outros são apresentados os resultados de pesquisas realizadas pelos estudantes, abordando experiências a partir de rotas que evidenciam as violências sofridas por pessoas LGBT e os modos de ação que contemplam as histórias e lutas dos movimentos LGBT por direitos humanos igualitários.

É possível notar que as discussões apresentadas em alguns podcasts são realizadas utilizando dados de pesquisas realizadas na internet, artigos científicos, matérias jornalísticas, opiniões pessoais e relatos de acontecimentos envolvendo violências e a reflexão sobre as lutas por direitos humanos igualitários no Brasil. Na

maioria dos podcasts em formato de apresentação, porém, seja de forma individual ou grupal, geralmente não é possível localizar as fontes que são exploradas para apresentação dos episódios, mas ainda assim, quando apresentam dados sobre violência, é comum que estes dados estejam relacionados a pesquisas realizadas por Organizações da Sociedade Civil (OSC), como o Grupo Gay da Bahia (GGB), que tem sido referência em relação às mobilizações de movimentos LGBTQIAPN+ no Brasil, sendo responsável por produzir informações e pesquisas acerca da computação de crimes de violência LGBTfóbica no Brasil “De acordo com o GGB, um homossexual é morto a cada 28 horas no Brasil por conta da homofobia. E cerca de 70% dos casos dos assassinatos de pessoas LGBT ficam impunes.”⁴²

Nestes trabalhos, falar sobre diversidade e gênero no Brasil é partir de dois lugares: o de historicizar o que seria o movimento e o de explicar o que significam as letras que representam a sigla LGBTQIAPN+. A contextualização histórica global do movimento remonta a história de Stonewall, e seu pioneirismo na organização dos movimentos políticos dissidentes.

[...] trouxemos um filme para refletir o que aconteceu, como surgiram essas paradas da diversidade. Ai o filme é, nada mais nada menos, do que o Stonewall, onde o orgulho começou. [...] Stonewall, era um bar que ficava em Manhattan, New York, e extremamente frequentado pela comunidade LGBT. Ai no dia 28 do 06 de 1969, a polícia resolve invadir esse bar, logo nas primeiras horas do dia 28, e isso gera uma reação do grupo LGBT, das várias comunidades LGBT, que foram reações bastante violentas, reações que não foram nada amigáveis, não foi uma manifestação espontânea, mas bastante violenta que ficou conhecida como A rebelião de Stonewall.⁴³

É recorrente que os episódios façam uma explicação das letras em termos de representação de orientação sexual e identidades de gênero L (lésbicas), G (gays), B (bissexuais), T (transexuais e travestis), Q (queers), I (interssexuais), A (assexuais), P (pansexuais), N (não-binárias), + (utilizado para abranger outras orientações sexuais e identidades de gênero), sendo recorrente a expressão de opiniões de que o termo, por ter muitas letras e estar sempre mudando, precisa ser

⁴² Homofobia e a exclusão social da comunidade LGBTQIA+. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3hQYGznkvGIRstYlhkt8MR?si=dae5fd5513ed40a7>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

⁴³ LGBTQfobia. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3GRYem1Sqpgswv4K1kY0TE?si=7141742d31db448b>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

primeiramente explicado para não gerar confusão em pessoas que não são ou não sabem o que seria ser LGBTQAPN+⁴⁴.

Figura 18. Identificação do podcast Contra o estigma LGBTQAPN+. Os episódios foram produzidos por meio de entrevistas com pessoas homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais, para explicar o que seria cada letra e compartilhar informações sobre as experiências de autodescoberta e discriminação das pessoas entrevistadas.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Aqui no Brasil, o surgimento dos movimentos LGBT relaciona-se ao período de redemocratização, em meio a ditadura militar, na década de 70, período marcado pela perseguição e assassinatos de pessoas homossexuais. Devido a regulação da cisheteronormatividade como norma coletiva, pessoas dissidentes foram expostas a situações de violência e precariedade, se materializando na desigualdade de direitos no Brasil. É possível entender que nas lutas dos movimentos LGBT no Brasil e no mundo também somaram-se, com o passar dos anos, parcerias de pessoas políticas e aliadas nas lutas pelas conquistas por direitos e no combate às violências, bem como consolidaram-se modos de ação construídos pelos movimentos LGBT, como a

⁴⁴ Contra o estigma LGBTQAPN+. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2qpBevhlIHnEfXwYasqSiy?si=476f27b948844271>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

realização das Paradas do Orgulho LGBT, e que as práticas ativistas dos movimentos LGBT têm gerado não apenas discussões e reflexões sobre a comunidade, mas também promovido importantes mudanças de valores na sociedade brasileira.

No Brasil, o movimento LGBTQI+ começou a se desenvolver na década de 70, em meio a ditadura civil-militar. As situações de homicídios, preconceitos e, principalmente, a falta de oportunidade no mercado de trabalho é apenas um reflexo de direitos que ainda precisam ser conquistados, para que de fato o Brasil seja um país o qual defende e luta pelos direitos iguais de todos os cidadãos, pois ele é denominado como país laico e livre de intolerância... então o movimento LGBTQI+ surge com a intenção de conquistar os direitos de ir e vir, como qualquer outro cidadão.⁴⁵

É comum encontrar nos podcasts relatos associando a perpetuação de violências aos ambientes familiares, à produção histórica da ciência e, também, a fatores religiosos. Acerca desses vínculos, destaco a produção histórica de discursos científicos sobre a homossexualidade, outrora tratada como patologia a partir do termo homossexualismo, com associações pejorativas relacionadas a comunidade LGBT na época e difundidas coletivamente, como perversão sexual, aberração e doença mental, bem como as práticas científicas desenvolvidas, como as terapias de cura e as internações em hospitais psiquiátricos. Esses comentários surgem em formatos de crítica, em que a localização histórica desses acontecimentos põem em evidência as necessidades de mudanças sociais nos modos de racionalização.

Durante muito tempo inúmeras denominações foram usadas para identificar a homossexualidade, refletindo o caráter preconceituoso das sociedades que cunharam determinados termos, como: pecado mortal, perversão sexual, aberração, entre outros.⁴⁶

Por parte da igreja, por exemplo, esses discursos viriam ligados à questão da moralidade da família e de Deus, que pregando a homossexualidade e as

⁴⁵ Preconceito contra pessoas LGBTQIA+ no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2AAKzBGP329Ec1Ds36jyUL?si=f9f60750a1fa44bb>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

⁴⁶ Homofobia e a exclusão social da comunidade LGBTQIA+. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3hQYGzknvGIRstYlhkt8MR?si=dae5fd5513ed40a7>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

identidades de gênero não cisnormativas como pecado mortal, repudiava e demonizava todo e qualquer comportamento envolvendo a homossexualidade, incentivando a repressão familiar e o silenciamento dessas questões apontadas como pecado e desordem moral. Ao Estado, estariam os agenciamentos que colocam vidas dissidentes em condições de subalternidade e precariedade, condicionadas pelos posicionamentos do governo, seja com a falta de políticas públicas voltadas a assegurar os direitos dessa população, bem como a produção de discursos de ódio e de preconceitos contra a diversidade, colocando em evidência quais vidas importam e quais vidas não importam para o Estado. Todas essas ações, que envolvem a perpetuação de violências, contribuíram historicamente para a precarização de vidas dissidentes no Brasil, já que os agenciamentos regulando gênero e sexualidade foram responsáveis pelos modos de precariedade e violências a que foram e são submetidas as pessoas da comunidade LGBT historicamente no Brasil. De acordo com Butler (2018; p.40):

[...] A 'precariedade' designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte.

Ao tempo em que o silenciamento tem sido um fenômeno presente na vida de pessoas dissidentes, ele também passou a ser utilizado pelas próprias pessoas e pela comunidade em suas lutas por direitos. Na medida em que pessoas políticas e aliadas somaram-se às lutas dos movimentos sociais, podemos também acompanhar as transformações que vêm ocorrendo ao longo dos anos no País e no mundo. Foi em 17 de maio de 1990, que a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade das classificações das listas de doenças mentais, que a partir de 2019 atos preconceituosos foram enquadrados como crimes de racismo, em 8 de maio de 2020, que a restrição para doação de sangue por homossexuais no Brasil foi derrubada pelo Supremo tribunal Federal, e em 2004 que o governo instituiu o programa Brasil Sem Homofobia, para promover políticas e ações de inclusão para qualificar os serviços públicos de saúde no SUS.

[...] Até o início desse ano, no país, homossexuais não podiam doar sangue. Diziam que homens que mantiveram relações sexuais com outros homens nos últimos 12 meses, não podiam fazer doações. Porém, no dia 08 de maio de 2020, em uma decisão histórica, o STF derrubou a restrição de doação de sangue por homossexuais. Uma outra data histórica foi no dia 17 de maio de 1990, quando a Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, a classificação internacional de doenças.⁴⁷

Essas datas sinalizam conquistas importantes a serem reconhecidas, mas é preciso ressaltar que o Brasil parece estar longe de uma reparação histórica no que diz respeito à violação dos direitos de pessoas LGBT, tendo em vista que estamos vivenciando um momento político no País em que as expressões de gênero e sexualidade vêm sendo constantemente atacadas pelo governo de Jair Messias Bolsonaro, que através de discursos de ódio e canetadas nas diretrizes do governo, tem retirado esta população de documentos envolvendo o acesso aos direitos humanos.

Além das movimentações em relação a regulação de leis que asseguram os direitos conquistados por pessoas LGBT nas últimas décadas, a condição de precariedade também é trazida ao debate abordando a falta de contratação de pessoas LGBT por empresas, o que resulta nos processos de exclusão, na circulação de estigmas e preconceitos acerca de pessoas LGBT.

[...] sei que até algumas empresas têm políticas ocultas de não contratação de funcionários LGBTQI+ para evitar a não aceitação por parte da equipe. Isso nem deveria ser critério para contratação ou não, o que deveria valer nessa hora eram as suas qualificações.⁴⁸

Embora a garantia de empregos sem discriminação pela orientação ou identidade de gênero ainda seja um grande desafio, é possível encontrar algumas empresas que já desenvolvem políticas organizacionais de inclusão em seus quadros de funcionários, seja por meio da valorização e criação de setores

⁴⁷ Homofobia e a exclusão social da comunidade LGBTQIA+. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3hQYGznkvGIRstYlhkt8MR?si=dae5fd5513ed40a7>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

⁴⁸ A inclusão do público LGBTQI+ nas empresas. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/0vqD7Qjera8h2Pa75tTV1h?si=bf002fcbcb2c4494>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

direcionados à diversidade, ou através de iniciativas como treinamentos, oficinas e trabalhos de conscientização.

Estas ações que se propõem a potencializar os debates acerca da diversidade nas instituições acadêmicas, mesmo que de forma inicial, revelam não só os lugares que estes debates têm ocupado em distintas instituições de ensino na contemporaneidade, como também as formas de mobilização que têm sido produzidas, negociadas e incentivadas em contraposição às violências sofridas por pessoas LGBT. Evidenciar as experiências dissidentes em disciplinas do ensino médio e de cursos de graduação, reflete não só nas formas de aparecimento dessas questões, mas também nas potencialidades em produzir e compartilhar esses debates na e com a internet com o intuito de gerar reflexões sobre a diversidade de expressões de gênero e sexualidade.

Combater o preconceito e a LGBTfobia pode estar na forma de produzir e compartilhar um podcast com entrevistas com pessoas LGBT falando sobre suas experiências de vida, por meio de entrevistas com profissionais que vão compartilhar como essas questões aparecem em seus itinerários de trabalho, compartilhando discussões sobre conteúdos LGBT, como filmes⁴⁹ que enfatizam histórias LGBT, potencializando a visibilidade em relação ao reconhecimento de demandas e vivências. Falar sobre isso, seria abordar os assuntos na sala de aula de diversas maneiras, como acionando essas experiências nas organizações e empresas, com profissionais e pessoas distintas, transformando esses debates em assuntos de aparecimento.

[...] estamos aqui para falar um pouco melhor sobre a população LGBTQI+ e como é a inclusão desse público nas organizações e empresas... somos alunas de psicologia e queremos causar em você, que está ouvindo este podcast, reflexões sobre a temática e que você se questione: será que eu sou mesmo a pessoa que ajuda a incluir as pessoas 'diferentes' no ambiente de trabalho?⁵⁰

⁴⁹ Stonewall - Onde o orgulho começou, filme discutido no podcast @LGBTfobia. Disponível em: <<https://acesse.one/IVJBb>> Acesso em 20 de Outubro de 2022.

⁵⁰ A inclusão do público LGBTQI+ nas empresas. Disponível em: <<https://acesse.one/JtbWN>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

“O que a psicologia pode ajudar nisso?”, “A psicologia atua como?”⁵¹, “Como se luta contra o preconceito e o estigma?”, “Como as pessoas LGBT têm acesso aos seus direitos no Sistema Único de Saúde (SUS)?”, “Será que eu sou a pessoa que ajuda a incluir pessoas diferentes no Trabalho?”, essas questões alargam as rotas de reflexão e ação para falar sobre a população LGBT no Brasil e no mundo, trazendo a necessidade do debate para a formulação do pensamento crítico e de alianças contra a violência. É interessante notar que mais do que percorrer rotas sobre a história da comunidade LGBT, seja atrelada às lutas do movimento LGBT ou não, são as formas como as potências disparadoras de questões e reflexões são acionadas nesses podcasts. Perguntas que colocam em questão um compromisso ético com a vida humana, que levam em conta o contexto histórico em movimento e a formulação de alianças entre os diferentes atores nas potencialidades dessas lutas.

De maneira geral, acredito que o fato dessa rota ser construída por pessoas que não necessariamente são da comunidade LGBTQIAPN+, seja um dado importante para se observar quais são os vínculos que são acionados à comunidade quando se fala sobre ela. Esta rota intenciona debates que retomam a necessidade do compromisso ético-político-epistemológico da academia junto a grupos dissidentes nas lutas pelas conquistas de direitos e diminuição das desigualdades.

4.3. Rotas de aparecimento em podcasts sobre cultura pop, vivências e cotidianos LGBT

A questão sobre como a performatividade se liga à precariedade pode ser resumida nessas questões mais importantes: Como a população sem fala pode falar e fazer suas reivindicações? Que tipo de rompimento é esse no campo do poder? E como essas populações podem reivindicar aquilo de que necessitam para persistir? Não é apenas uma questão de precisarmos viver para podermos agir, mas de termos que agir, e agir politicamente, a fim de garantir as condições da existência. (BUTLER, 2018; p. 65)

Esta foi a rede de podcasts mais coabitada em relação às demais que encontrei. Ela é produzida predominantemente por pessoas de todas as letras da

⁵¹ Entrevista sobre o desenvolvimento social e pessoal no contexto histórico de um psicólogo LGBTQIA+. Disponível em: <<https://1nk.dev/fCJKX>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

comunidade LGBTQIAPN+. Nessas movimentações, enquadrei podcasts voltados a promover discussões sobre os diversos vínculos agenciados nos cotidianos e experiências dissidentes, sendo direcionados tanto para quem é de dentro da comunidade, quanto para quem não é, como é o caso do podcast Fora do meio:

Transformando e salvando vidas através do áudio. "Fora do Meio" é um podcast sem medo de pôr a cara no sol e discutir assuntos da comunidade LGBTQI+. Queremos abranger assuntos relevantes para gays, lésbicas, trans, travestis e outros grupos da comunidade LGBTQI+ conversando com outros membros, apresentando para pessoas "fora do meio" LGBTQI+ como é ser um membro da comunidade. Aqui, tabu é tema de discussão. Fale Conosco: Site: <http://www.foradomeio.com.br> Email: foradomeiopodcast@gmail.com Support this podcast: <https://anchor.fm/foradomeio/support>⁵²

Uma questão que acentua diferenças significativas entre esta rota e a rota anterior está na forma como ambas acionam as experiências dissidentes. Nos podcasts escolares e acadêmicos, as vias de discussão estiveram predominantemente atreladas a violências, movimentos LGBT e direitos humanos, sendo também produzidos por pessoas que não necessariamente são LGBTQIAPN+. Já nesta rota, os vínculos de aparecimento da comunidade são acionados a partir de debates sobre representatividade, cultura pop, músicas, cotidianos, séries de televisão e relatos sobre experiências da vida social e cultural.

Eu vou bater na tecla da representatividade de novo, mesmo. Porque é muito importante a presença de uma drag, de um homem gay afeminado aí na mídia, eu acho que gera debates. Nossas famílias, nossas tias, tios, tão vendo a Pabllo na Globo e alguma reação eles vão ter, nem que seja pra tocar no assunto que existe diversidade, né. E eu fico pensando como seria se tivesse na nossa infância, nossa adolescência, uma Pabllo na tv, na mídia. Acho que até pra minha auto aceitação, desconstrução e nessa questão de masculinidade, feminilidade, gays afeminados, enfim, pra assimilar tudo isso, eu acho que a arte drag foi muito importante para eu abrir mais a cabeça, tanto em Rupaul quanto com a Pabllo agora. Então eu acho que é muito importante, sim.⁵³

⁵² Foradomeio | Podcast LGBTQIA+ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/2GdJ6mwNtYBdNWOWxTQG8a?si=d32f333f567b49a1>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

⁵³ Episódio #4 - Enaltecendo Pabllo Vittar. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/25bMgAedKsdG40UIKBcnml?si=295197ff122c49c0>> Acesso em 07 de Novembro de 2022.

Produzida por pessoas de diversas regiões do Brasil, é possível encontrar produções de todas as letras da comunidade, embora seja também possível notar que há uma produção maior realizada por homens gays, seguida por uma produção de mulheres lésbicas, bissexuais e mulheres trans. Estes podcasts alargam, em primeiro plano, as rotas de aparecimento para os relatos de experiências de pessoas LGBTQIAPN+ do Brasil e resultam de múltiplos interesses, o que torna esta rota ainda mais heterogênea.

Figura 19. Montagem com capas de podcasts encontrados na rota Cultura Pop, Vivências e cotidianos LGBT.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os formatos variam desde podcasts de cunho mais subjetivo, enfatizando o compartilhamento de reflexões sobre questões vivenciadas cotidianamente⁵⁴; rodas de conversas entre pessoas que se conhecem para debater cotidianos locais e também relacioná-los com debates mais amplos; entrevistas com especialistas que têm abordado as experiências dissidentes em termos afirmativos.

⁵⁴

Porra,

Arthur.

Disponível

em: <<https://open.spotify.com/show/0nSyZOeqx7iH1RwqptTgZU?si=c15d69aceca045d3>> Acesso em 01 de Novembro de 2022.

Figura 20. Captura de tela do podcast *Porra, Arthur*, um diário pessoal sonoro lançado em setembro de 2019 e com conteúdos de seu cotidiano compartilhados até abril de 2021



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

É nesta rota que questões relacionadas à representatividade acionam discussões sobre a comunidade LGBTQIAPN+. A partir do compartilhamento de produtos culturais como séries, videocliques, literaturas, podcasts e músicas, tem sido possível potencializar outras rotas de aparecimento das experiências dissidentes que não partem de narrativas sobre violência e chacota, por exemplo. Essas outras formas de aparecimento e representação promovem o não apagamento como política de resistência, ampliando as rotas, os vínculos e afinidades entre pessoas e conteúdos LGBTQIAPN+.

Eu me lembro que a primeira vez que eu vi o Kurt, eu me senti, aquela coisa tipo assim: caramba, eu consigo me ver na TV, eu consigo me ver além dessa piada que as pessoas fazem. Agora eu entendo o que é ser como eu, como é ser eu, porque eu sou assim. E que está tudo bem em ser assim. Não é uma piada, não é uma chacota. É fabuloso! É normal! É como todo mundo. E eu acho isso muito legal, porque o Kurt passa aquela imagem do gay afeminado, que gosta das divas pop, daquela coisa mais clássica, que tem os traços dele e ele é feliz assim⁵⁵.

Seriados estrangeiros e brasileiros têm promovido importantes rotas de aparecimento político sobre as histórias de pessoas LGBTQIAPN+ ao redor do

⁵⁵ #3 Como Glee foi mais do que um simples seriado. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1Ly3IAG8zrr3q65ZoFnQYp?si=4376a00a106e4736>> Acesso em 07 de Novembro de 2022.

mundo. É a partir da discussão da série HeartStopper, lançada pela Netflix, que David e Iuri, duas viadas do podcast Conversas Des(viadas)⁵⁶, vão conversar com Fabrício Azevedo, do podcast Confabulando, sobre as novas narrativas para jovens LGBTQIAPN+. Para eles, a série promove narrativas de jovens gays que se distanciam das narrativas focadas no sofrimento e na necessidade de um armário para esconder a sexualidade, como costumava acontecer em produções da década de 90, trazendo narrativas e posicionamentos em que as tensões relacionadas a gênero e sexualidade não são violentadas no contexto familiar, por exemplo.

Eu achei muito inspirador, assim, na verdade. Primeiro, a saída do armário do Charlie não ser mostrada pra a gente, né. Porque ele tem essa coragem e ele tem a família lidando com isso de uma forma muito tranquila. No início eu pensei: gente, cadê a família desse garoto? Porque no primeiro episódio não aparece, né. Tem o garoto na casa e você não vê a mãe do Charlie, você só vê a irmã, depois do segundo, terceiro episódio você só vê a irmã. Eu achei muito legal essa forma como o Charlie ter assumido e ter essa confiança de se assumir e ter o apoio da família, eu acho que é essencial pra enfrentar o bullying, né. Eu acho que essa é a principal arma, porque se você tem essa base familiar, esse suporte da família, você não fica mais incerto, você não se sente inseguro na hora de enfrentar o bullying. Então acho que isso é super legal, assim, inspirador né, pra essas novas gerações de pessoas LGBTQs que estão crescendo e tendo essa série como modelo de inspiração. Eu achei muito positivo⁵⁷.

A ideia do armário pode ser compreendida como um processo de autodescoberta, por vezes repleto de silenciamentos e apagamentos das experiências dissidentes no desenvolvimento de seus vínculos. Os processos de autodescoberta dos próprios desejos e de si acontecem de diversas maneiras e em diversos momentos da vida, colocando em tensão os processos de subjetivação agenciados na fabricação da cisheterossexualidade como norma coletiva que regula as relações afetivas, sexuais e de gênero. A depender do modelo familiar, as reações podem ser diversas, como o acolhimento ou a regulação a partir de violências que assumem diversas roupagens, numa espécie de patrulha dos desejos

⁵⁶ Conversas Des(viadas). Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/4KTv2u90liB948Xu4qO0Bx?si=bfa69756421944ec>> Acesso em 07 de Novembro de 2022.

⁵⁷#20 Heartstopper e novas narrativas LGBTQ's (feat. Fabrycio Azevedo). Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1wW3AYIMORzNJWMEbl7fQU?si=9912671fa4dd4ea5>> Acesso em 07 de Novembro de 2020.

e correção dos comportamentos não cisheterossexuais: agressões físicas, retirar o acesso a computadores e redes sociais, proibir a pessoa de falar com outras pessoas, sofrer tentativas de exorcismo, ter suas correspondências abertas ou escondidas pelas mães. A potencialização e emancipação da pessoa dissidente, permitiria subverter as lógicas de viver dentro ou fora do armário, podendo se expressar e ser quem é, sem que isso a coloque numa condição de precariedade. Não se trata, porém, de uma questão que se resume somente ao fato de sair ou não do armário, mas de relações assimétricas que colocam em questão a precarização social dessas vidas LGBTQIAPN+ em relação aos vínculos que estabelecem.

Imagina, também, a loucura que deve ser você, por exemplo, viver embaixo de um teto extremamente homofóbico, extremamente patriarcal, extremamente evangelico, porque a gente sabe que a religião as vezes também é um problema. 99,9% das vezes. Sem dinheiro pra chutar o balde, se decidirem não te aceitar e apenas pensando: meu Deus, como é que eu vou sobreviver? Bom, essa ainda é a realidade de muita gente LGBTQIAP+ na hora de ter que simplesmente exercer o direito básico dos básicos: ser quem é.⁵⁸

Em diálogos potentes com a arte, a literatura, a música, tem sido possível subverter os espaços de silenciamentos e abrir caminhos para que outras histórias possam aparecer politicamente, privilegiando tanto a diversidade de contextos locais, como a diversidade de histórias de bichas, de bissexuais, de lésbicas, de trans e de nordestinas.

Eu acho que algumas obras que foram lançadas nos últimos anos funcionam como divisores de águas. Por exemplo, a obra Enquanto eu não te encontro, do Pedro Rhuay, para mim, enquanto autor do Norte, é muito representativo ver uma obra como a do Pedro Rhuay, que eu já li, é uma obra que a cultura nordestina reina ali. É uma obra que é protagonizada por uma bicha afeminada, então pra mim é muito importante ver uma obra como a dele figurando na lista de mais vendidos da Veja, por exemplo. E a partir dessa conquista do Pedro Rhuay que não é uma conquista que eu enxergo só dele enquanto autor, mas de toda a comunidade LGBT e de todos os autores que escrevem literatura com representatividade LGBT. As grandes editoras vão começar a olhar para livros com aquelas características, então algumas obras pontuais que foram lançadas nos últimos anos,

⁵⁸ #Por que eu tenho que me assumir Gay? Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1VHvfNwL66du7i30tXlk7C?si=26c96f94c2d7471a>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

elas ajudaram muito para que as narrativas LGBT que a gente vê no mercado literário se diversificassem mais⁵⁹.

Foi a partir da necessidade de espaços com representatividade bissexual, que Becky Cunha e Zé Henrique, dois avatares bissexuais, resolveram criar em 2020 o podcast Bisão voador⁶⁰, um podcast que usa de suas próprias vivências e de pessoas convidadas para promover a visibilidade bissexual. Com muito humor e mais de 90 episódios lançados, o podcast convida diversas pessoas para discutir sobre temáticas envolvendo representatividade da bissexualidade nas mídias e nas vivências cotidianas. O Canal promove o aparecimento de questões relacionadas à bissexualidade não só a partir da discussão sobre temáticas cotidianas, mas também na medida em que convida pessoas bissexuais para participarem das discussões dos episódios.

Eu não sei, nunca me deu esse click de quando eu tava lendo alguma coisa, pelo menos mais nova, né. Depois que eu me identifiquei como bi eu não me lembro de ler ou assistir qualquer coisa que eu pensasse tipo: olha, esse personagem é tipo eu, nossa, bissexual. Eu me lembro de me tocar que a mistica, por exemplo, é bissexual, eu li a história dela e tudo mais, mas nunca me deu esse click de: Meu Deus, nós estamos vivos! Eu não sei, não sei se sou estranha, me sinto meio off por causa disso. Mas só depois mesmo de mais velha, que eu tenho esses estalos assim, de pensar: A-ha, esse personagem é bissexual! Mas mais nova não⁶¹.

⁵⁹ A literatura LGBT independente no Norte e no Nordeste. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/172FGRkDmdVu0ONHAZDzkl?si=68a4468227db45ec>> Acesso em 21 de Outubro de 2022.

⁶⁰ Bisão Voador. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/7qH3wGhZaW2SULhC56dRbn?si=de555cb36c674cef>> Acesso em 07 de Novembro de 2022.

⁶¹ #02 Tem bi na novela? Disponível em: <<https://l1nk.dev/s6y6G>> Acesso em 07 de Novembro de 2022.

Figura 21. Captura de tela do perfil do podcast Bisão Voador, com título e imagem personalizada do canal.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

De maneira geral, pode-se dizer que a representatividade tem sido uma categoria política acionada nesta rota, se traduzindo em ativismos digitais que ampliam as redes de aparecimento envolvendo expressões de gênero e sexualidade a partir do compartilhamento de podcasts produzidos por pessoas LGBTQIAPN+. Embora seja possível identificar uma predominância de podcasts produzidos por homens gays, se pode acompanhar os esforços de distintas pessoas do segmento para alargar os fluxos de representatividade por meio do compartilhamento de podcasts em plataformas como o Spotify.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como os agenciamentos acerca da comunidade LGBTQIAPN+ tem promovido rotas políticas de aparecimento dessa comunidade em podcasts no Spotify. Para isto, realizei uma etnografia digital por perambulação nessa plataforma, a partir da pesquisa das siglas “LGBTQIAP+” e “LGBT”. As duas entradas resultaram em quantitativos distintos de podcasts produzidos, respectivamente 76 podcasts e 190 podcasts. O enfoque descritivo seguiu pela rede LGBT, levando em consideração o crescimento no número de resultados para essa sigla entre os anos de 2016 e 2021, em especial os anos que marcam o início da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo.

Caracterizo o aparecimento de narrativas representativas de diferentes expressões e experiências dissidentes de gênero e sexualidade. Através do agenciamentos de tecnologias intencionadas à escuta, de corpos e subjetividades

assuntos e questões relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil emergem publicamente. Organizei os podcasts em 4 rotas de aparecimento, a fim de detalhar formas e intenções de ocupação bem heterogêneas na plataforma. Em rotas produzidas por movimentos sociais e grupos que debatem religiões, nota-se que as movimentações não são necessariamente produzidas por pessoas LGBTQIAPN+, mas por pessoas que, a partir de seus vínculos com pessoas da comunidade, se somaram às alianças para promover políticas de aparecimento acerca de questões relacionadas a comunidade LGBTQIAPN+.

Identifiquei um crescimento significativo de trabalhos escolares e acadêmicos publicados em formato de podcast no Spotify durante o período de 2020 e 2021, que não necessariamente foram produzidos por pessoas dissidentes, mas que são reflexo do que o algoritmo da plataforma reconhece como conteúdo LGBT devido ao uso da palavra nos podcasts, seja nos títulos, nas descrições ou mesmo nos episódios. Esses podcasts são, em sua maioria, frutos de trabalhos avaliativos a níveis de ensino médio, superior e de pós-graduação, compartilhados na internet como alternativas às adaptações de ensino durante o período pandêmico com distanciamento social, que constrói o aparecimento da comunidade a partir de narrativas que centralizam as violências cometidas contra a comunidade, a busca por direitos humanos e as histórias dos movimentos LGBTQPAN+. Em meio a esse universo despontam também podcasts como o *Larvas Incendiadas*, destinado ao compartilhamento e divulgação científica de pesquisas sobre gênero e sexualidade.

A rota que denominei como *Cultura pop, vivências e cotidianos LGBT*, promove políticas de aparecimento da comunidade a partir de discussões sobre representatividade, experiências e cotidianos LGBTQIAPN+. Nesse contexto, a busca por representatividade tem sido um potencial catalisador dessas experiências no que diz respeito aos modos de ação agenciados com e nos podcasts. Essas outras formas de aparecimento e representação promovem o não apagamento como política de resistência, ampliando as rotas, os vínculos e afinidades entre pessoas e conteúdos dissidentes.

Um elemento importante que pode ser apreendido dos conteúdos apresentados é a reflexão sobre as imagens e representações relacionadas às dissidências de gênero e sexualidade nas décadas de 1980 e 1990. É recorrente a

rememoração de episódios de suas vidas enquanto crianças e adolescentes em que o rádio e a TV aparecem como espaços criadores de representação e subjetivação. Essas mesmas pessoas que encontravam silenciamento das expressões de gênero e sexualidade, percebem nas plataformas digitais outros espaços potentes para compartilhar a pluralidade das formas de existir. Em diálogos potentes envolvendo a arte, a literatura, a música, videoclipes, produção de podcasts, séries, filmes e outros produtos culturais com temáticas dissidentes tem sido possível subverter os espaços de silenciamentos e abrir caminhos para que outras histórias possam aparecer politicamente, privilegiando tanto a diversidade de contextos religiosos e de expressões: são histórias de bichas, de bissexuais, de lésbicas, de trans, pessoas que se identificam como queer, assexuadas ou pansexuais.

Em termos metodológicos, a etnografia em ambiente digital por perambulação foi uma escolha possível para navegar pelo fluxo de uma plataforma intencionada a escuta. Pude chegar às redes de pesquisa a partir do rastreamento de descritores, que me apresentaram tanto a podcasts brasileiros, quanto a estrangeiros. Utilizar a plataforma como espaço para a catalogação e acesso dos podcasts possibilita acessar a rede que mapeei a qualquer momento, por qualquer pessoa que chegar até o perfil de alguma maneira. Esse movimento desencadeou diversas problematizações, como os dilemas metodológicos que ressaltaram as condições de feitura dos podcasts, bem como o sumiço de podcasts catalogados das playlists. De certa forma, essas questões que incidem sobre as experiências de realizar-se trabalhos em plataformas digitais são muito específicas, mas também servem como alerta à reflexividade necessária em relação às pesquisas em plataformas digitais. Por mais que possa parecer impensável que o Spotify acabe, no momento, como já aconteceu com plataformas como o Orkut, há de se considerar que seus conteúdos podem ser removidos do ambiente a qualquer momento, seja por seus criadores ou pela própria plataforma, caso descumpram as políticas de participação na comunidade, ou seja, numa hora os podcasts estão lá, noutra hora já não estão.

O uso do recurso da ferramenta de captura de tela foi importante em diversos momentos, pois permitiu congelar determinados fluxos de informações e realizar montagens a partir delas. Também foi útil em diversos momentos para compreender

como outros elementos, que não apenas o elemento sonoro, estiveram presentes e configurando os fluxos de reflexões em todo o decorrer da pesquisa e na coprodução das redes e dos podcasts.

As experiências como bicha, ativista, psicólogo e pesquisador do Nordeste continuarão com o devir. Finalizo a dissertação com a renovação do meu compromisso ético-político-epistemológico e espero que outras pessoas pesquisadoras da ciência, principalmente as historicamente subalternizadas, pesquisadoras LGBTQIAPN+, negras, indígenas, mulheres, pcds, que assim como eu também estão interessadas na potencialização de mundos mais justos e menos desiguais, consigam cada vez mais entrar nas universidades, transbordem limites históricos, consigam se manter economicamente em seus cursos e, principalmente, que quando estiverem nesses lugares, encontrem amor, apoio, alianças e justiça social. Que o diploma seja um lembrete de que cada vez mais romperemos os limites sociais impostos a nós historicamente e ocuparemos os lugares que também são nossos por direito. Espero que este trabalho possa servir como ponte para que outras pesquisas sobre e com a comunidade LGBTQIAPN+ sejam realizadas, principalmente privilegiando o desenvolvimento dessas pesquisas com as pessoas que produzem esses conteúdos.

REFERÊNCIAS

ALLEBRANDT, Débora; FREITAS, Camilla Lumatti. Em busca da cegonha: “tentantes”, “instamigas” e possíveis ativismos em redes sociais*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 59, e205909, 2020.

ARAUJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 23,

ARMANI, Carlos Henrique. A história intelectual e a virada ontológica na antropologia. **Revista História: Debates E Tendências**, v. 20, n. 1, p. 36-52, 2020.

BATISTA, Júlia Vargas; DE SOUZA, Érica Renata. Gênero, ciência e etnografia digital: Aproximações e potencialidades. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, p. e175199-e175199, 2020.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 95-126, 2009.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Editora José Olympio, 2018.

CARNIEL, Fagner; THOMAZ, Daniara. Quando o campo é o estágio: etnografia e formação docente. **Campos—Revista de Antropologia**, v. 22, n. 2, p. 115-131, 2021.

DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade. 2008. 293f**. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DOS SANTOS, Ariel Dorneles; DUQUE, Tiago. “EU GOSTO MESMO É DAS BIXAS”: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE AO SOM DE LINN DA QUEBRADA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 13-37, 2019.

DOS SANTOS PINHEIRO, Patricia et al. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, p. e175301-e175301, 2020.

ESCOBAR, Arturo. BEM-vINDOS à CyBERIA: NOTAS PARA uMA AnTROPOLOGIA DA CIBERCuLTuRA1. **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**, p. 21, 2016.

FACCHINI, Regina; CARMO, Íris Nery do; LIMA, Stephanie Pereira. Movimentos feminista, negro e LGBTI no Brasil: sujeitos, teias e enquadramentos. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020.

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. **Educar em Revista**, v. 36, 2020.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. **Aurora.**, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira (1980). **Primavera para as rosas negras. Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas**, p. 190-214, 2018.

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes et al. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, Niterói, p. 41-65, 1. sem. 2017, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. **Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica**, 2000.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, p. e181370-e181370, 2020.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”-Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro/From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, p. 590-621, 2008.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno et al. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. **Illa Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 123-146, 2016.

MARCONI, Dieison. Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados. **Cadernos de Comunicação**, v. 21, n. 3, 2017.

MEINERZ, N. Impasses classificatórios envolvendo gênero e sexualidade no atendimento público de saúde. In: RIOS, L.F. NASCIMENTO, P. G. Gênero e Práticas Profissionais. Recife: Editora da UFPE, 2011.

MÔNACO, Helena; KLIDZIO, Danieli. O digital é político: ativismo bissexual e apropriações das mídias digitais: bissexual activism and appropriation of digital media. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, v. 5, n. 1, 2021.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, p. 68-91, 2014.

PRECIADO, P. B. Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual, n-1 edições. 2014.

PROLO, Felipe. O potencial de podcasts para o fomento à “imaginação sociológica”. 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. Introdução: antropologia e cibercultura. **Segata, Jean; Rifiotis, Theophilos (Orgs.). Políticas etnográficas no campo da cibercultura [recurso eletrônico]. Brasília, DF: ABA, 2016. 1 v.: digital. p. 9-20, 2016.**

SILVA, André Araújo da. **Damas de paus: atravessamentos afetivos sobre representatividade trans e travesti na música brasileira d'as Bahias e a Cozinha Mineira**. 2019. Dissertação de Mestrado. Brasil.

SILVA, Roniel Sampaio; DAS NEVES BODART, Cristiano. O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 20, n. 1, p. 137-153, 2015.

SOUZA, Alexandre Aniceto; DIAS JR, Carlos Machado. “O celular é o avô dos WaiWai”. Tecnologias e domesticação das redes e mídias sociais entre os WaiWai. **Mundo Amazônico**, v. 10, n. 1, p. 39-50, 2019.

SOUZA, Patrick Borges Ramires de et al. “Bixa, preta, trans e periférica”: Linn da Quebrada e as performatividades de gênero dissidentes com as mídias digitais. 2019.

SOUZA, Patrick Borges Ramires de; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Linn da Quebrada e os engajamentos performativos com as mídias digitais: uma análise sociológica de uma trajetória artística dissidente de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

STRATHERN, Marilyn. O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto. **O efeito etnográfico**. Tradução: **DULLEI, Iracema**, p. 231-239, 2014.